

arq|la

ARQUITECTURA E ARTE

Março 2009 | €5,50

Delugan Meissl

Promontório

OTH

VHM

Contemporânea

dos masuno

Atelier Central

Miguel Serra

Pepe Heykoop

Eduardo Matos

Édgar Martins

Uniscale'09 | Cláudio Vilarinho

Geração Z | Augmented Architectures



ISSN: 1647-077X

ÍNDICE matérias



Promontório, Centro Comercial Vivaci, Guarda

Foto: FG + SG - Fotografia de Arquitectura / ultimasreportagens.com

06 Editorial

Luís Santiago Baptista – *Condições Periféricas: Da cidade moderna ao território contemporâneo*

08 News

20 Projectos

22 Delugan Meissl – *Museu Porsche, Estugarda*

32 Promontório – *Centro Comercial Vivaci, Guarda*

40 OTH – *Edifício de Escritórios Kraanspoor, Amesterdão*

48 VHM – *Hotel Axis Viana, Viana do Castelo*

56 Contemporânea – *Incubadora de Empresas, Vila Verde, Braga*

62 dosmasunoarquitectos – *Habituação colectiva, Carabanchel, Madrid*

68 Atelier Central – *Casa de Azeitão II*

74 Crítica

Gonçalo Furtado – *Miguel Serra: Explorando a forma da cidade periférica*

78 Design

Carla Carbone – *Pepe Heykoop: A leveza do ser*

82 Artes

Sandra Vieira Jürgens – *Eduardo Matos: Lugares à margem das cidades*

David Santos – *Edgar Martins: O espaço e a luz*

86 Opinião Paralelas & Perpendiculares

Baptista-Bastos – *A grandeza da periferia*

91 Livros

Mário Chaves

92 Prémios

Uniscala'09

94 Materiais

Materiais fornecidos pelas marcas

91 Outdoors / Jardins e Piscinas

Materiais fornecidos pelas marcas

99 Geração Z

Augmented Architectures

Editor:

Futur magazine
Sociedade Editora, Lda

R. Alfredo Guisado, 39 – 1500-030 LISBOA

Telefone: 217 703 000 (geral)

217 783 504/05 (directos) Fax: 217 742 030

futurmagazine@gmail.com

arq|a

ARQUITECTURA E ARTE

www.revarqa.com – futurmagazine@gmail.com

Director

Luís Santiago Baptista
lsbaptista@revarqa.com

Redacção

Margarida Ventosa (Coordenação)
margaridav@revarqa.com
Baptista-Bastos (Opinião),
Bárbara Coutinho (Editor Design) Carla Carbone,
David Santos (Editor Artes)
Gonçalo Furtado (Editor Crítica), Mário Chaves (Livros)
Nádia R. Bento (Tradução), Sandra Vieira Jürgens

Director de Arte/Produção
Edmundo Tenreiro

Paginação e Imagem
Raquel Caetano
Bruno Marcelino (desenhos)

Web design
Paula Melaneio

Direcção de Comunicação/Marketing
Maria Rodrigues

Telm. 918 203 966 • mrodrigues@revarqa.com

Publicidade – PORTUGAL

Clarinda Anágua
Telm. 919 957 890 • clarinda.anagua@revarqa.com
Jorge Reis
Telm. 917 585 310 • jorge.reis.pub@gmail.com
Maria João Melo
Telm. 968 030 327 • mjarqa@gmail.com

Publicidade – BRASIL

Jorge S. Silva
Tel. +55 48 3237 - 9201
Cel. +55 48 9967 - 4699
jssilva@matrix.com.br

Publicidade – ESPANHA

Pilar Tendero Comunicación
Tel. +34 936 918 447
info@pilar.tendero.com

Impressão

SIG - Sociedade Industrial Gráfica
Rua Pêro Escobar, 21
2680-574 Camarate

Distribuição

Logista Portugal
Área Ind. Passil, lt 1-A, Palhava
2894-002 Alcochete

Tiragem

10.000 Exemplares

Periodicidade
Mensal

ISSN: 1647-077X

ICS: 124055

Depósito Legal: 151722/00

Os artigos assinados são da inteira responsabilidade dos autores



Condições Periféricas

Da cidade moderna ao território contemporâneo

Luís SANTIAGO BAPTISTA | ls baptista@revarqa.com

1 A periferia tem sido um dos temas mais prementes na arquitectura e urbanismo contemporâneos. Etimologicamente, a ideia de periferia subentende a presença contraposta de um centro agregador. Estando em volta de um pólo aglutinador e sendo de natureza diferenciada deste, a periferia foi-se assumindo como uma condição específica, normalmente associada às características negativas, físicas, ambientais, sociais e culturais que a diferenciam do centro. Se o centro é entendido como o lugar privilegiado da ordem, unidade e memória, a periferia está conotada com o conflito e tensão de tempos, escalas e materialidades. Descontínua e informal, a periferia é entendida como o resto da cidade, aquilo que não encontrou lugar distinto e lógico na sua ordem centralizadora. Neste sentido, a periferia agrega indeterminadamente o que foi expelido pelo centro. Por outro lado, a ideia de periferia determina a existência de uma fronteira entre um interior e um exterior da cidade, de um limite que distingue o urbano do suburbano. Mas pode ainda ser traçado este limite claro e distinto nos nossos territórios metropolitanos? Ou mais incisivamente, é esta lógica urbana dualista, entre uma natureza pura e verdadeira da cidade e outra indefinida e degenerada da periferia, ainda útil para compreender a cidade contemporânea?

2 No âmbito da arquitectura, a questão da periferia emerge com a industrialização e consequentes processos de expansão das grandes cidades. O crescimento exponencial das cidades industriais, sem qualquer plano e estratégia, tornou-se o problema fundamental que o projecto arquitectónico moderno tentou heroicamente enfrentar. Ao desenvolvimento espontâneo e desordenado das periferias industriais e habitacionais das metrópoles os arquitectos modernos responderam com modelos de neutralização da ideia de periferia, propondo uma radical dispersão territorial e novas centralidades hierárquicas. As principais configurações modelares modernas – a *Garden-City*, de Howard, a *Ciudad Lineal*, de Soria y Mata, a *Cité Industrielle*, de Tony Garnier, a *Neue Frankfurt*, de Ernst May, as cidades lineares dos construtivistas russos, a *Ville Contemporaine* e *Ville Radieuse*, de Le Corbusier, a *Broadacre City*, de Wright, as ampliações periféricas de Bakema e van der Broek, as *New Towns* inglesas, Brasília, de Lúcio Costa, etc – apresentam-se como tentativas de anular o fenómeno generalizado da periferia suburbana. Sustentando-se nas novas acessibilidades resultantes das mobilidades mecânicas, os arquitectos modernos procuraram destruir a autonomia e concentração da cidade, transformando-a radicalmente numa estrutura territorial planificada e hierárquica. A periferia como excedente indesejável da cidade industrial desapareceria assim, irrevogavelmente substituída por um sistema organizado e distribuído de múltiplas centralidades e funcionalidades.

3 Apesar dos esforços dos arquitectos, a periferia tornou-se uma realidade material específica que lhes escapa. Seja por opção vivencial, no caso americano do subúrbio habitacional, seja por efeito indesejado das forças do mercado, no caso europeu das expansões das cidades, seja ainda por reflexo absoluto da exclusão social, no caso sul-americano das favelas de construção espontânea, a periferia parece apresentar-se como algo diferenciado e separado do centro, detendo por isso características próprias e definidas. Como fenómeno

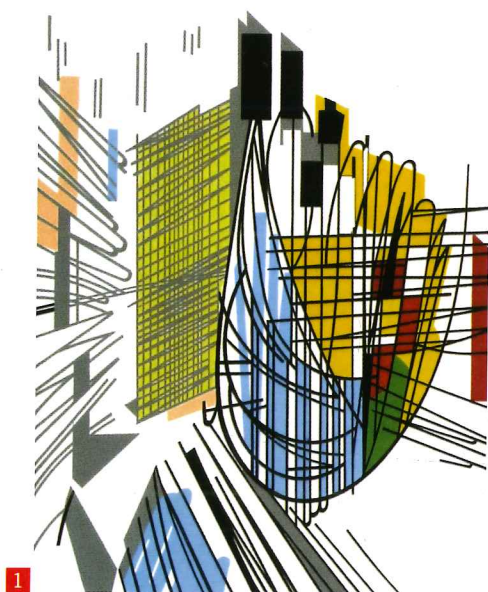
inseparável da modernização, a periferia deteria assim uma natureza específica, normalmente associada a realidades de segregação social. No entanto, devemos resistir à tendência para corresponder directamente uma determinada estrutura material a uma particular realidade social. Não negando os nexos de influência e relação entre a realidade física e social, este entendimento da periferia é realizado sistematicamente através de lógicas de falta ou falha em relação a um idealizado centro polarizador. E para esta dicotomia ter sentido é necessário que o centro agregue todas as qualidades positivas reflectidas nas negativas da periferia. A verdade é que os problemas das periferias são hoje tão complexos e prementes como aqueles que assolam os centros. De facto, os processos territoriais do centro e da periferia são hoje impossíveis de delimitar e isolar, estando estruturalmente interligados. Por outro lado, esta perspectiva puramente negativa da periferia não tem permitido perceber a vitalidade e dinâmica que estas realidades detêm, desenvolvendo importantes práticas culturais e materiais que não se circunscrevem aos bairros periféricos mas que contaminam positivamente a cidade como um todo. Recentemente, Nuno Portas apontava o «fantasma urbanístico» dominante português:

“o do ataque à urbanização periférica (estaria aí o pior da tal «bolha imobiliária») para defender o objectivo nobre do «retorno à cidade ou ao centro», como se a periferia não fosse cidade e não pudesse ter centralidade(s). Esta ilusão é dispensável. Revitalizar os «centros» e melhorar as condições de vida nas «periferias» são acções interligadas e quem não perceber qual é a nova unidade territorial em que vivemos perde as duas.”¹

4 Nas últimas décadas, alguns teóricos da sociologia urbana têm recorrido a novos termos para definir a condição urbana contemporânea. Nestas novas definições da urbanidade contemporânea – a «cidade informacional», de Manuel Castells, a «cidade global», de Saskia Sassen, a «pós-metrópole», de Edward W. Soja, a «metápolis», de François Ascher, etc – encontramos invariavelmente uma crítica das dicotomias constituintes da modernidade não só de centro e periferia, mas igualmente de cidade e subúrbio ou mesmo de espaço urbano e rural. De facto, Edward W. Soja caracteriza a indeterminação das categorias urbanas de centro e periferia, através do que denominou de «exopolis», defendendo que “a organização social e espacial da pós-metrópole parece consequentemente estar a ser simultaneamente virada de dentro para fora e de fora para dentro, destruindo os modos tradicionais de definir o que é urbano, suburbano, ex-urbano, não urbano, etc.”² E essa inadequação dos termos convencionais para perceber a produção urbana contemporânea parte dos efeitos da exponenciação do fenómeno da globalização económica e cultural. Neste sentido, Saskia Sassen atesta o impacto da nova realidade produtiva e das novas tecnologias de informação na organização física das cidades, exigindo uma reconfiguração simultaneamente real e virtual de «novas centralidades»: “O correlativo espacial do centro pode agora assumir diversas formas geográficas. (...) O centro tem sido profundamente alterado pelas telecomunicações e pelo crescimento da economia global, ambos profundamente ligados, tendo contribuído para uma nova geografia da centralidade (e marginalidade).”³ Efectivamente, no campo da arquitectura, esta indefinição conceptual das categorias disciplinares do urbanismo, expresso pelas ciências humanas

MARGARIDA VENTOSA | margaridav@revarqa.com

Nadir Afonso: As Cidades no Homem



1 Nadir Afonso apresenta, na Assembleia da República, a exposição «Nadir Afonso: As Cidades no Homem». Esta mostra, comissariada por Bruno Marques e Ivo André Braz, reúne 20 telas pertencentes ao acervo da Fundação Nadir Afonso. A totalidade das obras foi produzida entre a década de 1940 e a actualidade e é subordinada à temática das cidades.

Até 20 de Março, na Assembleia da República, Palácio de São Bento
www.parlamento.pt

Noronha da Costa

O artista plástico e arquitecto Noronha da Costa, expõe um conjunto de 20 pinturas, 11 esculturas e uma instalação que nos sugere uma tela "viva". Neste trabalho e noutros recentes, o artista desenvolve a fusão mental do real e do virtual, do bidimensional e tridimensional, a dialéctica entre objecto, luz e matéria, tentando encontrar um método capaz de tratar a problemática do lugar da representação.

De 6 de Março a 4 de Abril, na Galeria António Prates
www.galeriaantonioprates.com

A Noite é Triste

O artista plástico João Tengarrinha revela, na sua mais recente exposição «A Noite é Triste», desenhos de grandes dimensões, numa escala quase corporal, que se dividem pelos dois pisos do Pavilhão Branco do Museu da Cidade.

www.cm-lisboa.pt

Solarium



2 Em «Solarium» o artista Carlos No apresenta, pela primeira vez em Tondela, uma instalação inédita. Com esta singular peça, concebida especificamente para a Galeria Novo Ciclo ACERT, o artista procurou abordar um dos temas recorrentes na sua obra, sempre sensível à questão dos Direitos Humanos: em particular, o da igualdade e acesso de todos a direitos fundamentais como os da Liberdade, Justiça e Dignidade.

Até 19 de Março, na Galeria Novo Ciclo ACERT, Tondela
www.carlosno.com

Oklahoma

Em «Oklahoma» João Ribeiro, mostra uma pintura de presentificação de um momento da sua carreira, em que os fantasmas da mão e do gesto são varridos por uma névoa que, apesar de ácida, gelada, desértica, devolve à sua pintura um sabor a realidade e urgência, nomeadamente política, um travo a identidade e autonomia. «Oklahoma» é ainda um pretexto para a realização de um documentário de Ricardo Neves sobre João Ribeiro.

De 14 de Março a 17 de Maio, no Teatro Municipal de Almada
www.ctalmada.pt

Selotemachinas



3 Integrado no programa Lisboaarte esta exposição da artista plástica Catarina Patrício apresenta a urbanização em tempo real do espaço sideral. Sublinha a perda da experiência vivida do corpo face à domótica e ao progresso tecnológico.

Até 7 de Abril, na ZOOM - Carlos Carvalho Arte Contemporânea
www.carloscarvalho-ac.com

Raúl Perez

A exposição de desenho e pintura do artista Raúl Perez convida a um singular percurso por uma selecção de cerca de noventa obras realizadas entre a década de 1960 e 2008, que possibilitam uma visão de um universo plástico e estético muito singular do artista.

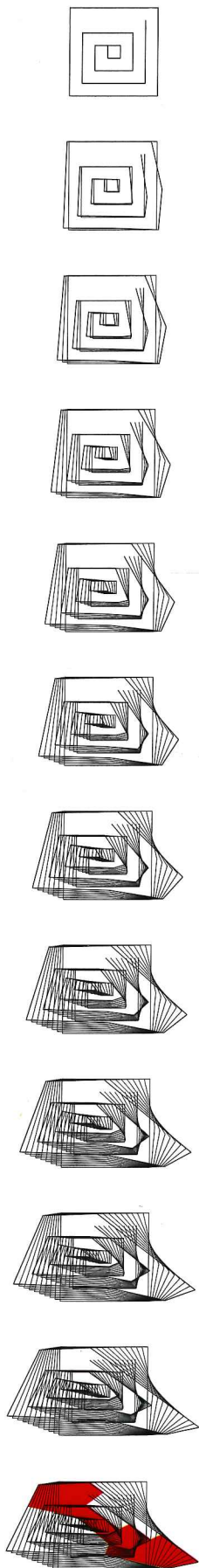
Até 12 de Abril, no Museu Colecção Berardo
www.museuberardo.com

artslab

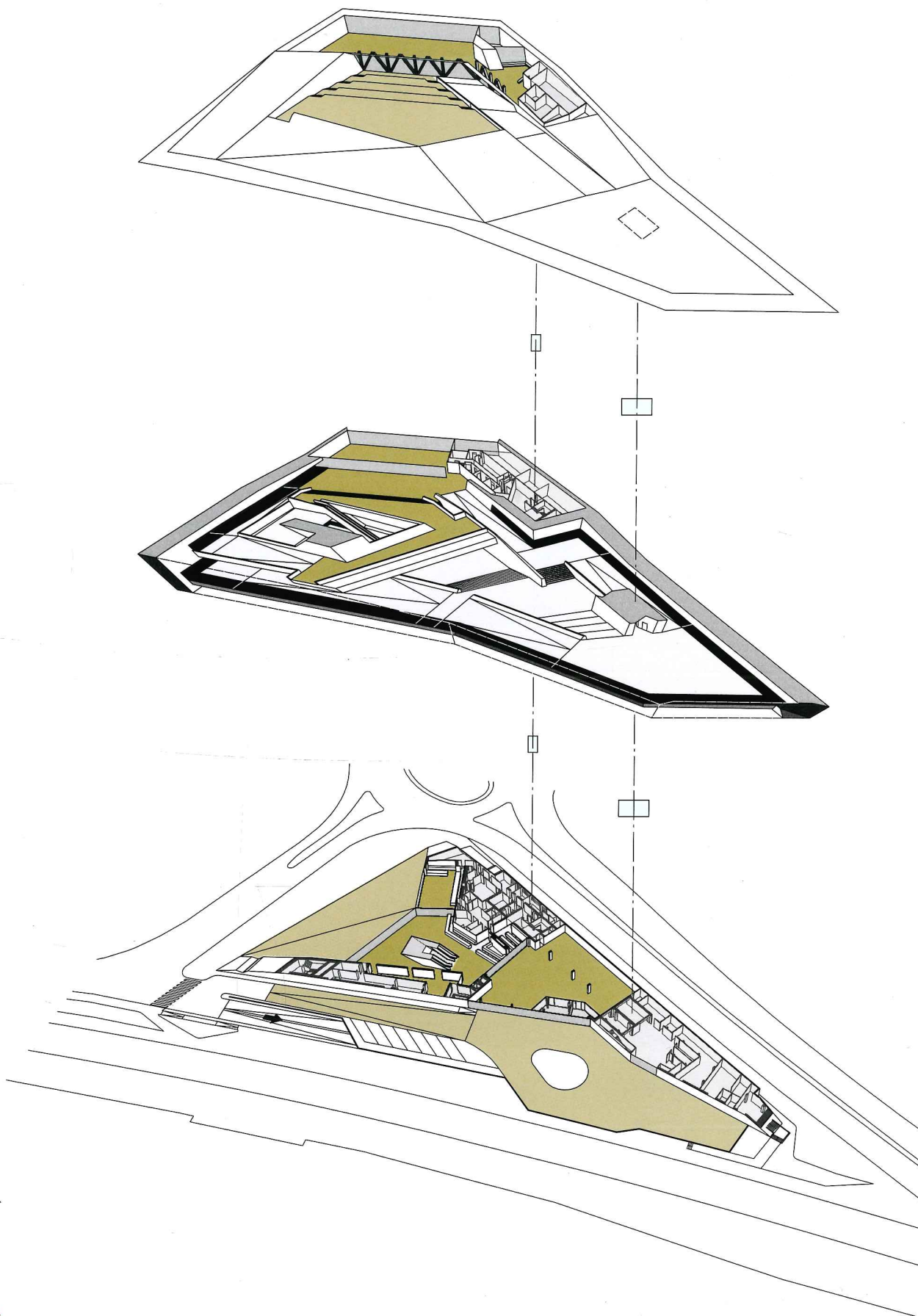
No recém inaugurado *artslab*, um inovador espaço de arte, localizado no centro Empresarial Lionesa, em Matosinhos, cujo objectivo maior é fazer a ponte entre artistas, amantes de arte e investidores, é possível contemplar ou adquirir obras de artistas reconhecidos como Júlio Pomar, Vieira da Silva, Arpad Szenes, Paula Rego ou até mesmo de Antoni Tàpies.

A essência da acção de *artslab* está na sua eficaz pesquisa de obras em Portugal mas, sobretudo, no estrangeiro. Não funcionando com porta aberta ao público, todos os interessados em visitar este inovador espaço de arte deverão marcar a sua visita.

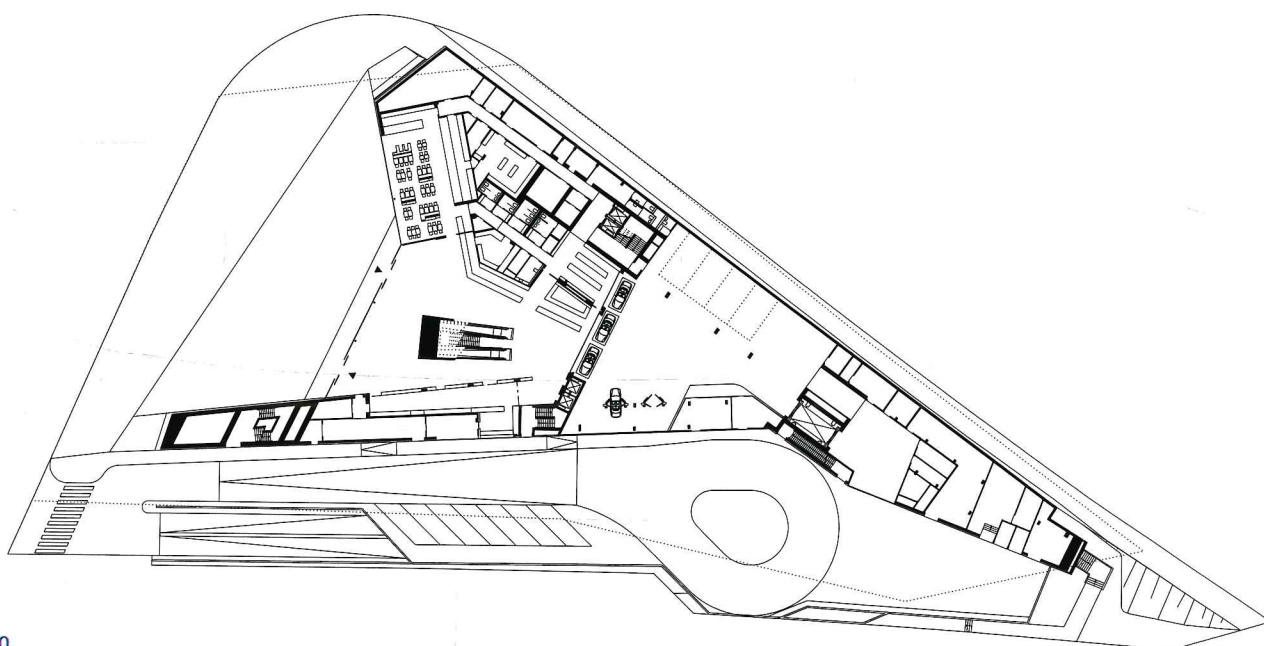
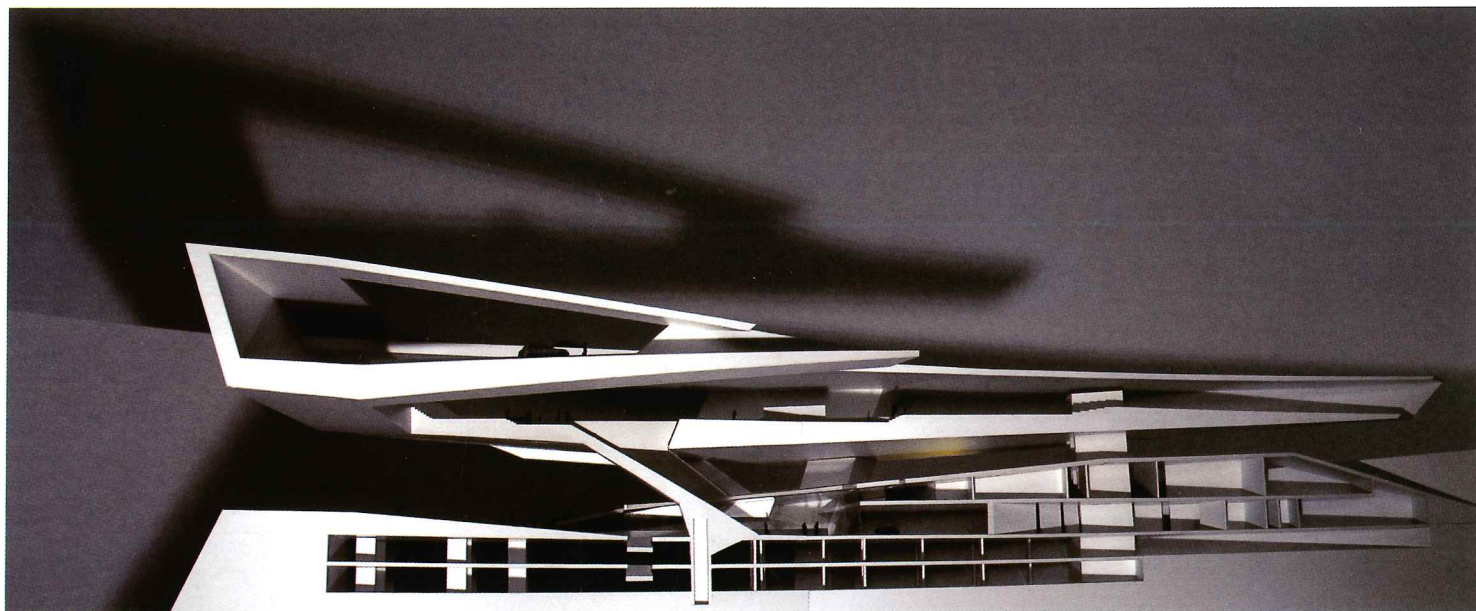
Tel +351 229 028 833



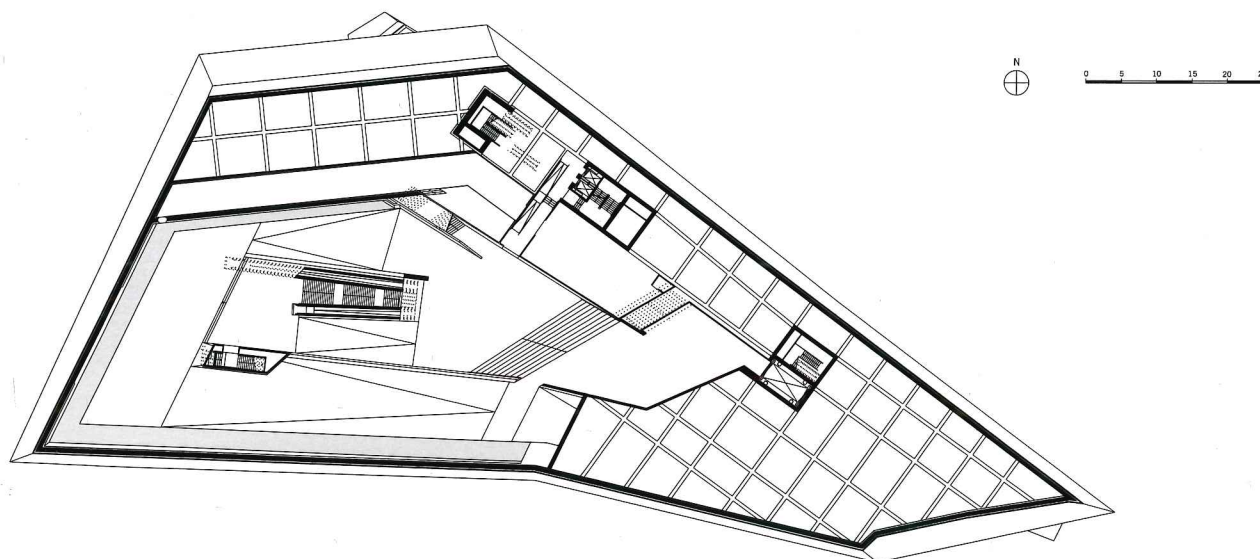
Esquema conceptual



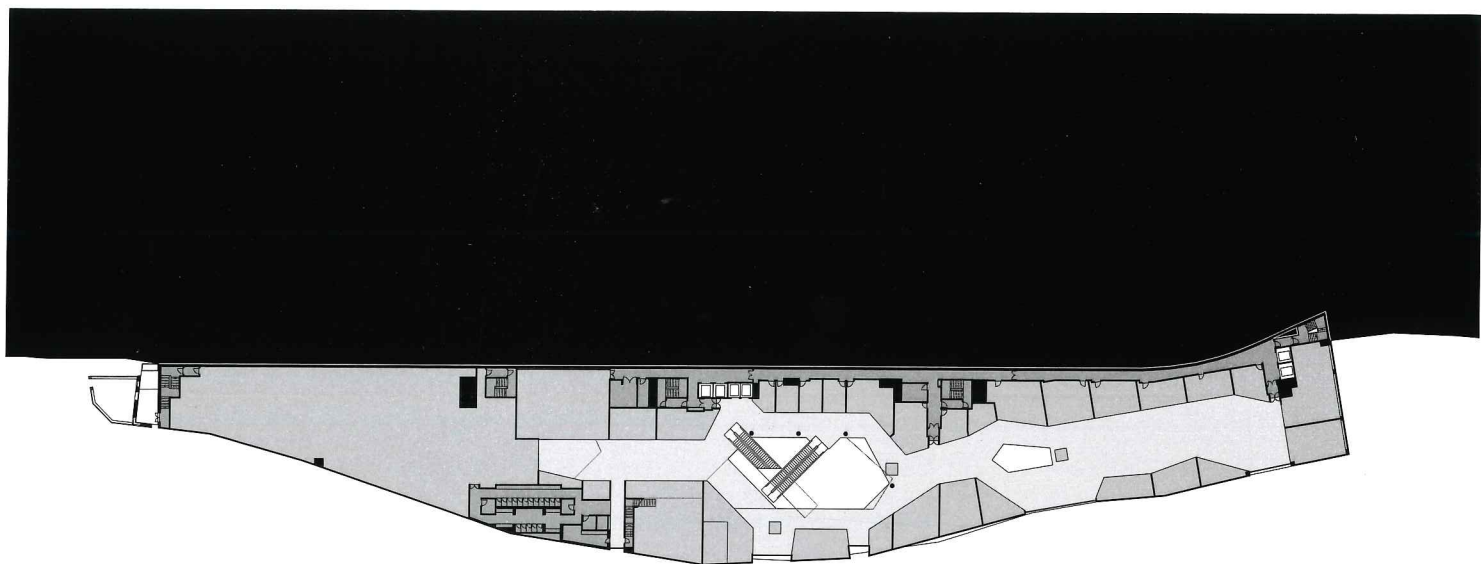
Axonometria explodida



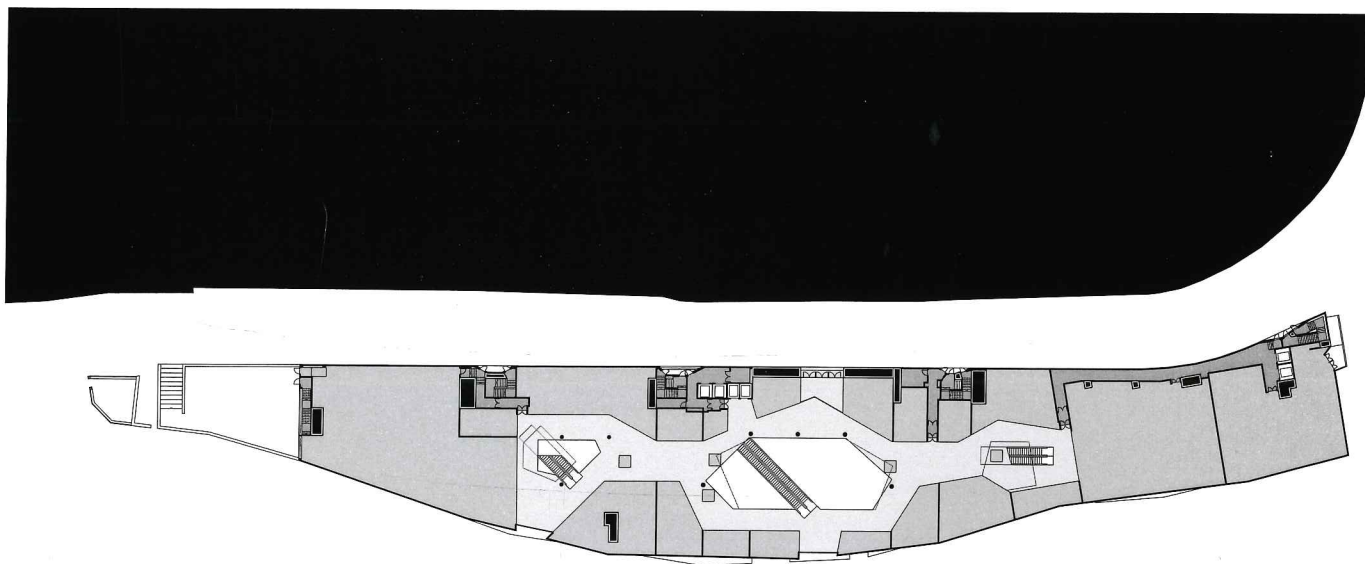
Planta piso 0



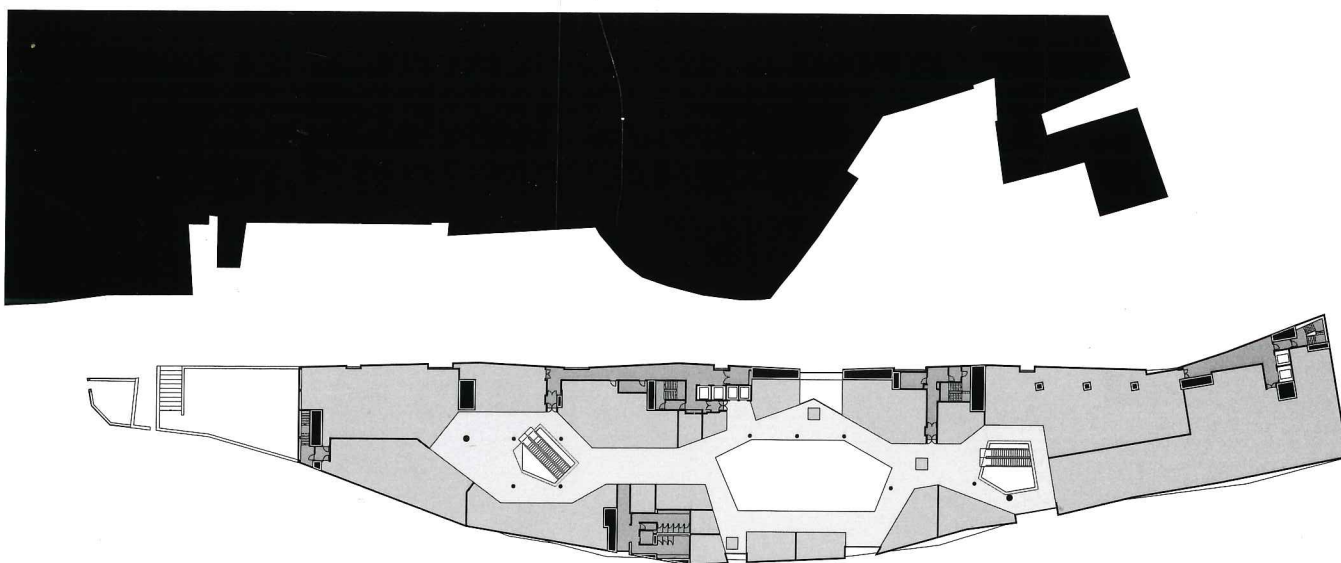
Planta piso 1



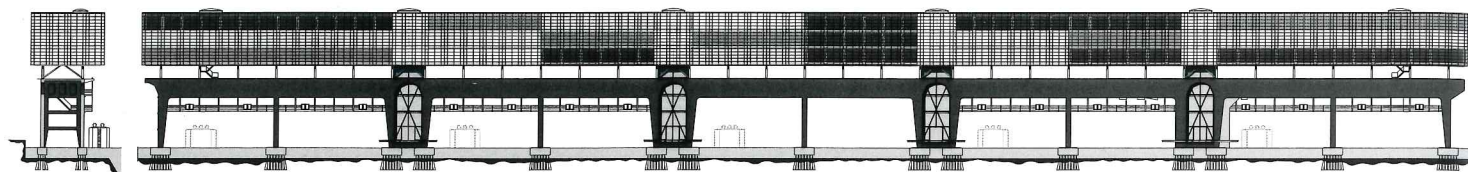
Planta piso 2



Planta piso 3

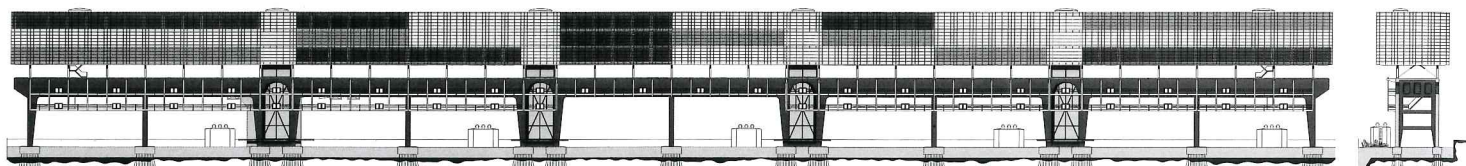


Planta piso 4



Alçado sudoeste

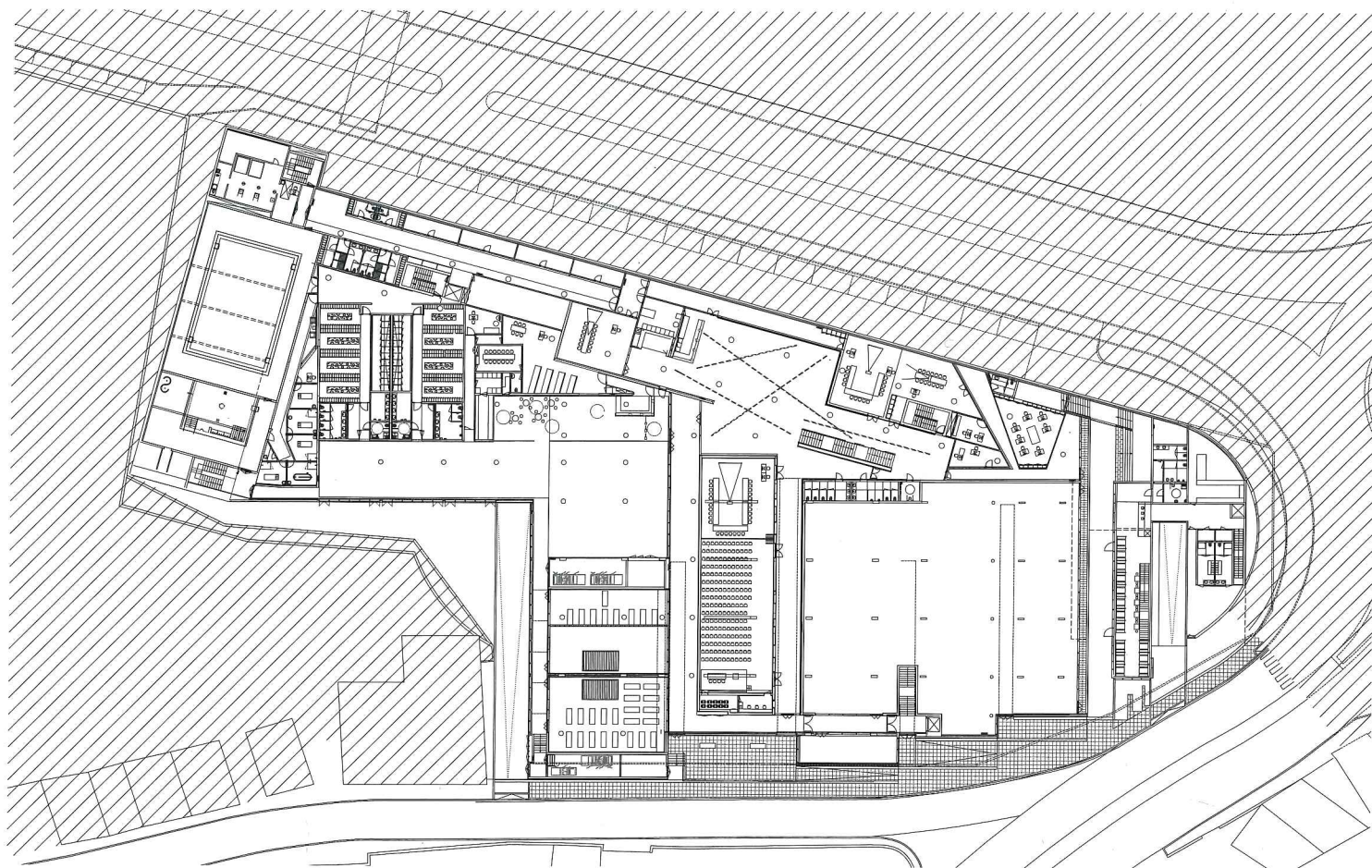
Alçado sudeste



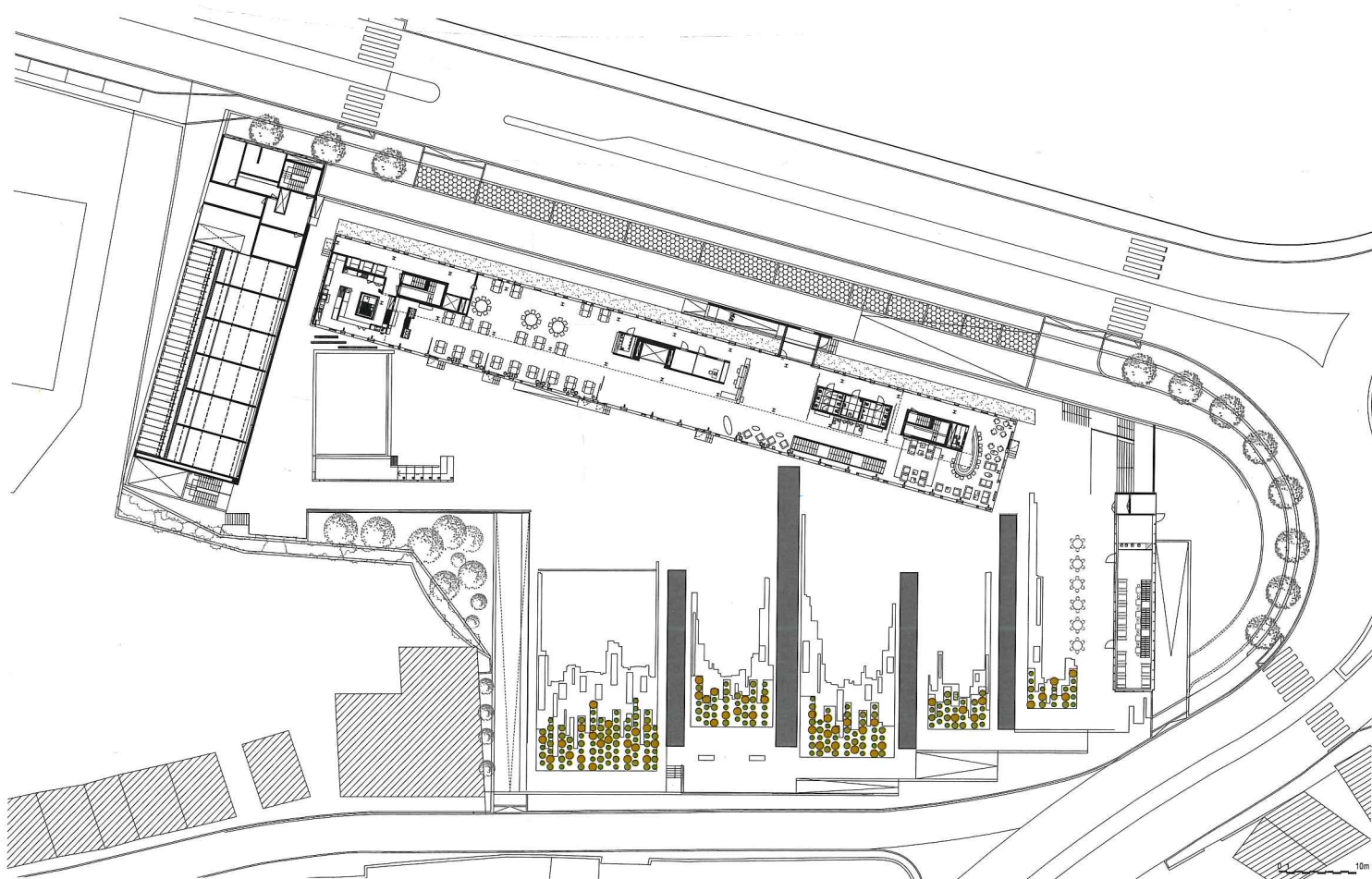
Alçado noroeste

Alçado nordeste

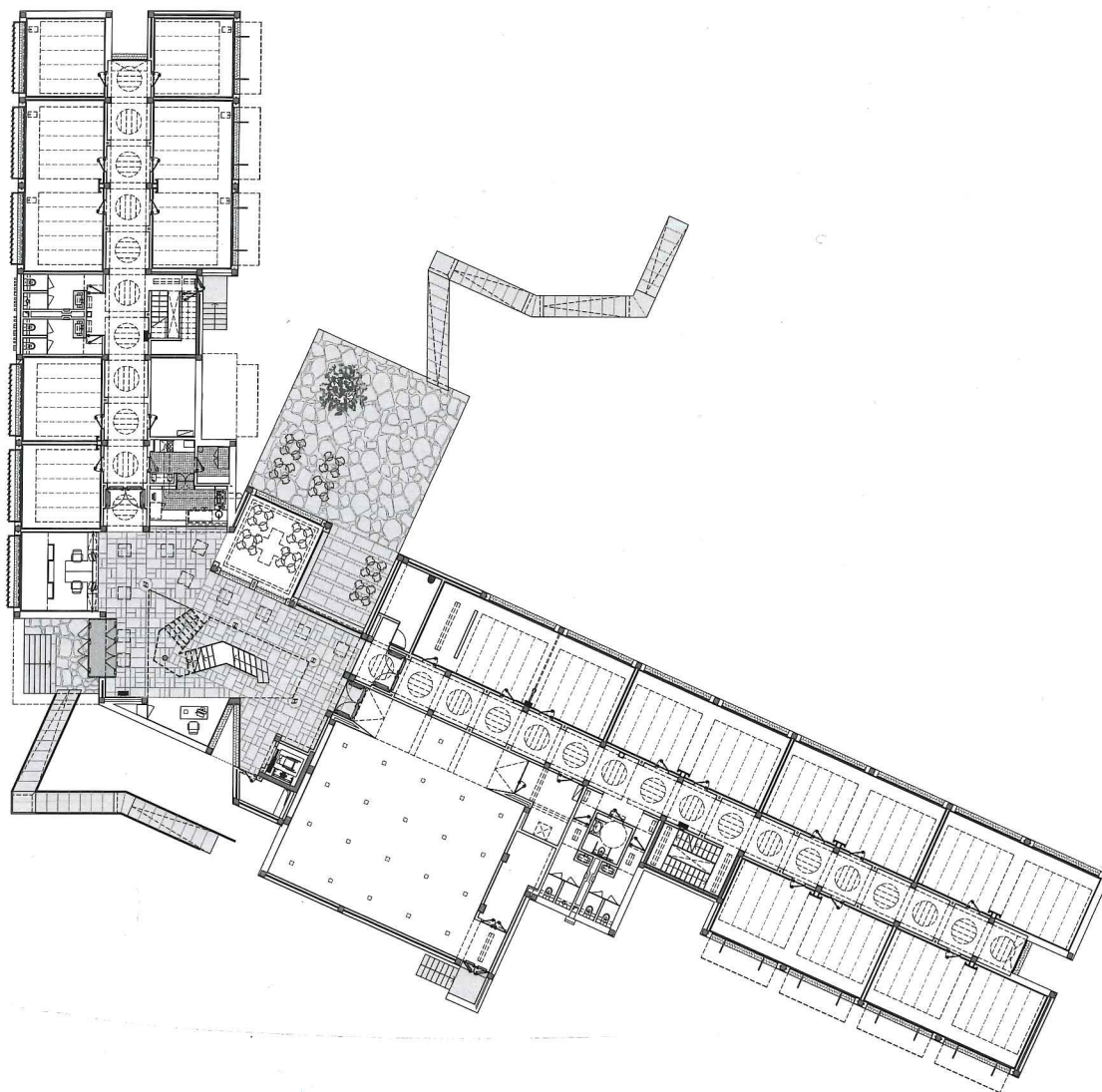




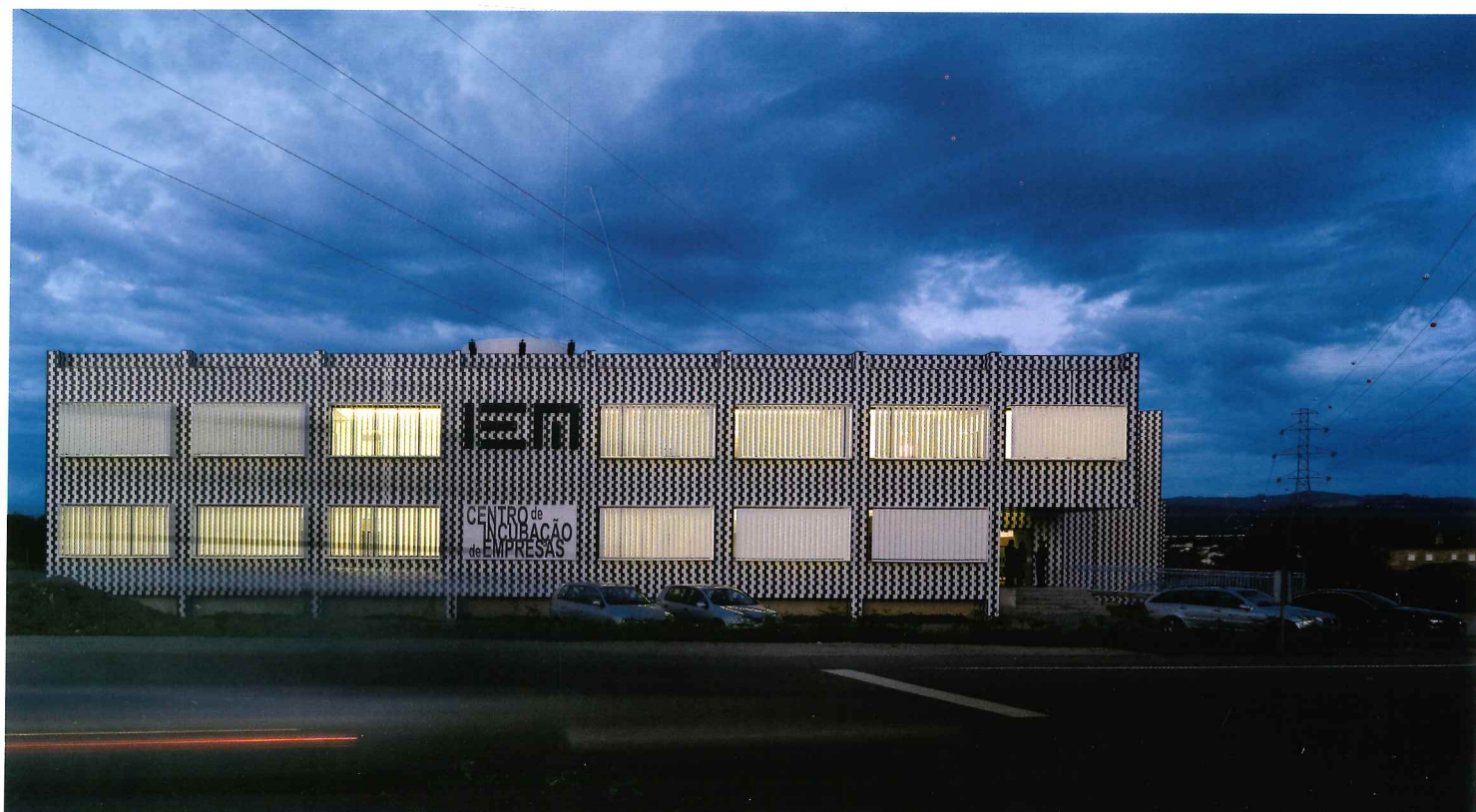
Planta piso -1



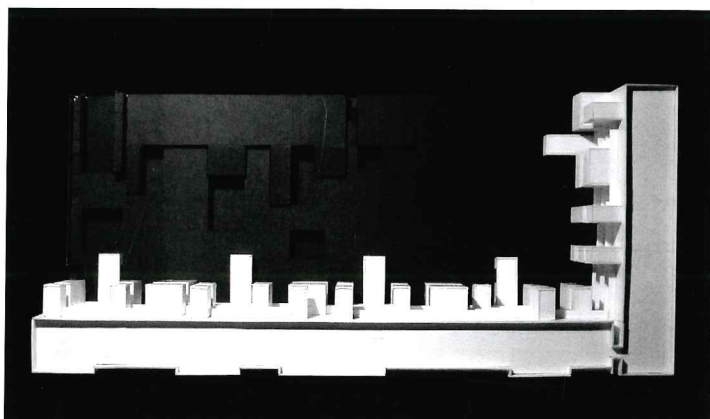
Planta piso 0



Planta piso 0



Arquitectos: Ignacio Borrego, Néstor Montenegro, Lina Toro
Arquitectos técnicos: Javier González y Javier Mach
Promotor: EMVS. Empresa Municipal de la Vivienda y el Suelo de Madrid
Estruturas: José Luis de Miguel
Instalações: Grupo JG
Construtora: Begar
Data: 2003-2007
Texto: dosmasunoarquitectos
Fotografia: Miguel de Guzmán

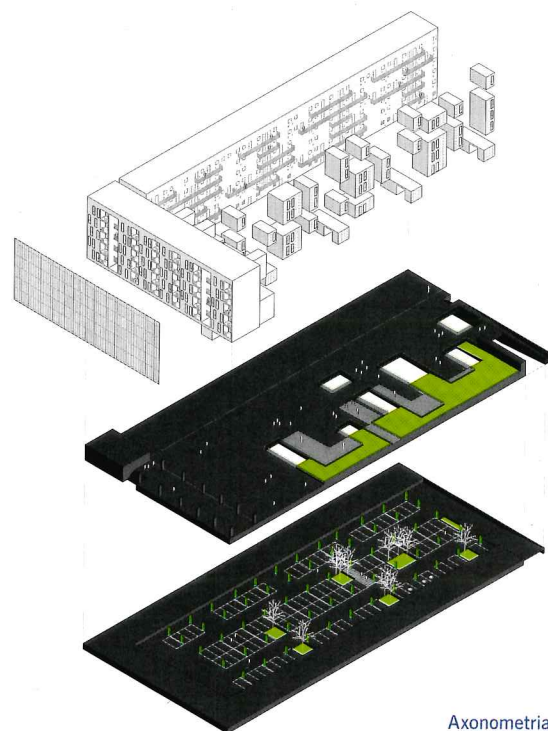


Implantação: orientação e recolhimento

Apesar dos modelos desenhados sobre as plantas, os lugares necessitam expressar o seu próprio ser, surgir naturalmente, construir-se a si mesmo. E ainda mais neste lugar, confrontado com a área verde fronteira, em frente da sequência de espaços públicos que unem, através da ampliação urbana, a antiga Carabanchel, com o seu bosque, ao lote em que construímos. Respondendo a esta condição, as habitações ocupam o seu limite, uma única peça linear, na procura da razão principal do lugar: uma vista e uma orientação óptima entre Este e Oeste, compreendendo o Sul, gerando o limite da actividade, pacificando o interior e caracterizando o exterior. Respondendo também às condições próximas, o contexto envolvente beneficia da abordagem respeitosa da nova edificação em relação às edificações vizinhas, às quais permite a insolação distanciando-se delas, sem deixar de manter o alinhamento do plano através de um embasamento. Este embasamento converte-se num elemento activo e activado. Activado pela própria edificação, que barra com a sua sombra uma zona dura, e define no seu alinhamento a fronteira de uma superfície com vegetação. Activo, pois além de se converter num lugar de encontro e jogo, agrega o acesso às diferentes portas de entrada e liga-se abertamente com a garagem, proporcionando-lhe ventilação e iluminação natural.

Estratégia: módulo mínimo + extensões

Paralelamente, o projecto das habitações emerge a partir e devido a estas condições do lugar, recorrendo a um núcleo invariável, completado as exigências do programa através da adição de módulos exteriores. Este



Axonometria explodida

núcleo fixo constrói-se orientado para a vista e para o sol, cujos elementos principais, as zonas de estar e quartos, se localizam no limite sudoeste e sudeste, protegendo-se através de um filtro vibrante e relegando para a fachada posterior as zonas húmidas e de serviços. A partir desta fachada interior, como nuvens sobre o vazio, produz-se a variação dentro do invariável, realizado através do adicionar de volumes que permitem a extensão das tipologias base para habitações de dois ou três quartos. A ordem estrita desordena-se matematicamente e apresenta-se variável e cambiante. Assim as habitações convertem-se em máquinas de habitar, sendo projectadas nesse pressuposto com as superfícies optimizadas, minimizando as áreas de transição entre zonas de estar, ricas nas suas relações internas. Mas isto também acontece a nível global.

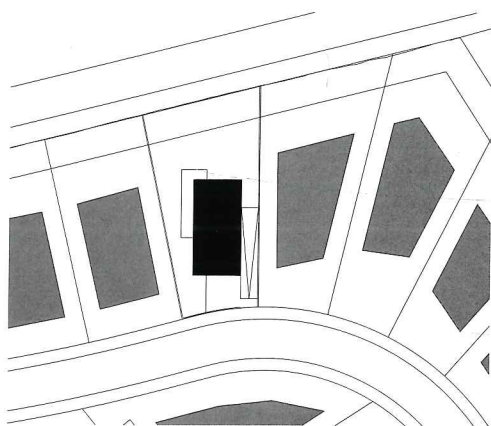
Sistema Construtivo: cofragem integral à medida

O projecto propõe uma sistematização da habitação social. O sistema construtivo utilizado é portanto uma consequência natural da sua organização, que optimiza os valores da repetição, sem renunciar à identidade de cada utilizador.

A construção responde a esta necessidade de optimização industrial, sendo a estrutura do corpo principal construído em betão armado a partir de um único molde de alta precisão. Por outro lado, as variações sucedem graças aos módulos ligeiros, em estrutura metálica, que constituem os elementos adicionados.

Este sistema industrializado facilita o processo de obra, anula o aparecimento de entulho no processo construtivo e acelera os prazos de execução. ■

Arquitectura: Miguel Beleza e José Martinez (Atelier Central)
Equipa: Sandra Pereira, Filipe Mota
Cliente: Sequeira e Martinez Lda
Estruturas: Pressuposto Lda
Especialidades: Eng. Neto
Arquitectura Paisagista: Miguel Beleza
Construção: Sequeira e Martinez Lda
Área: 580m² (lote); 126, 23m² (implantação); 215m² (construção)
Data: 2002 - 2006
Texto: Atelier Central
Fotografia: FG+SG - Fotografia de Arquitectura / ultimasreportagens.com

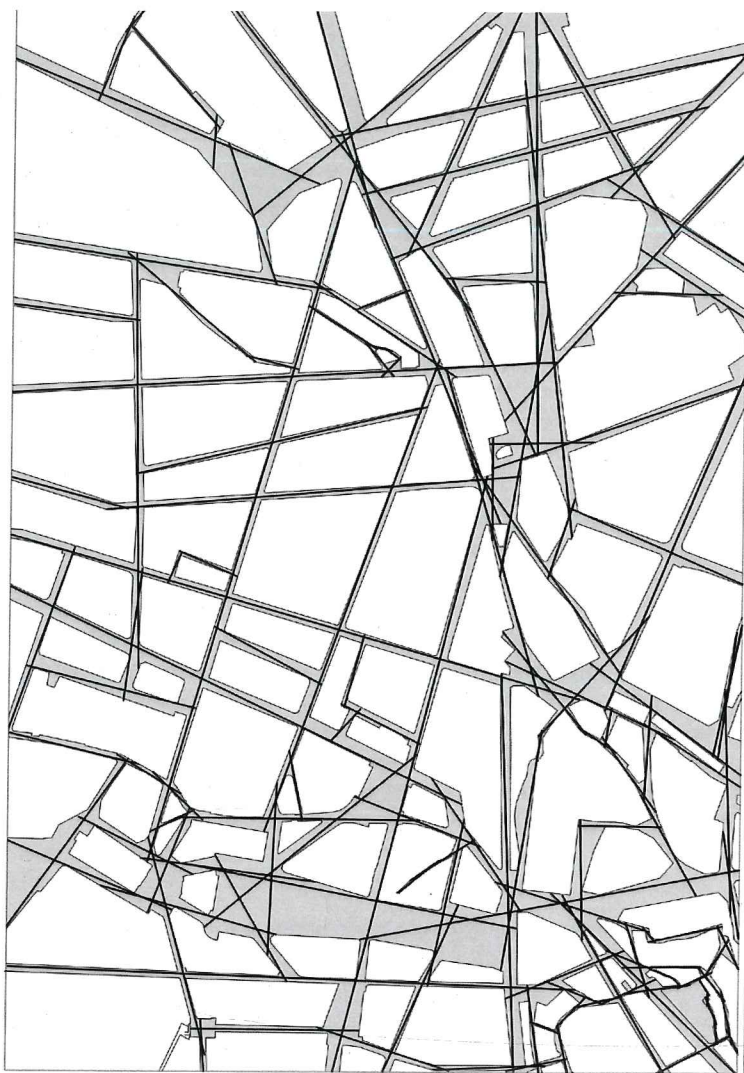


Implantação

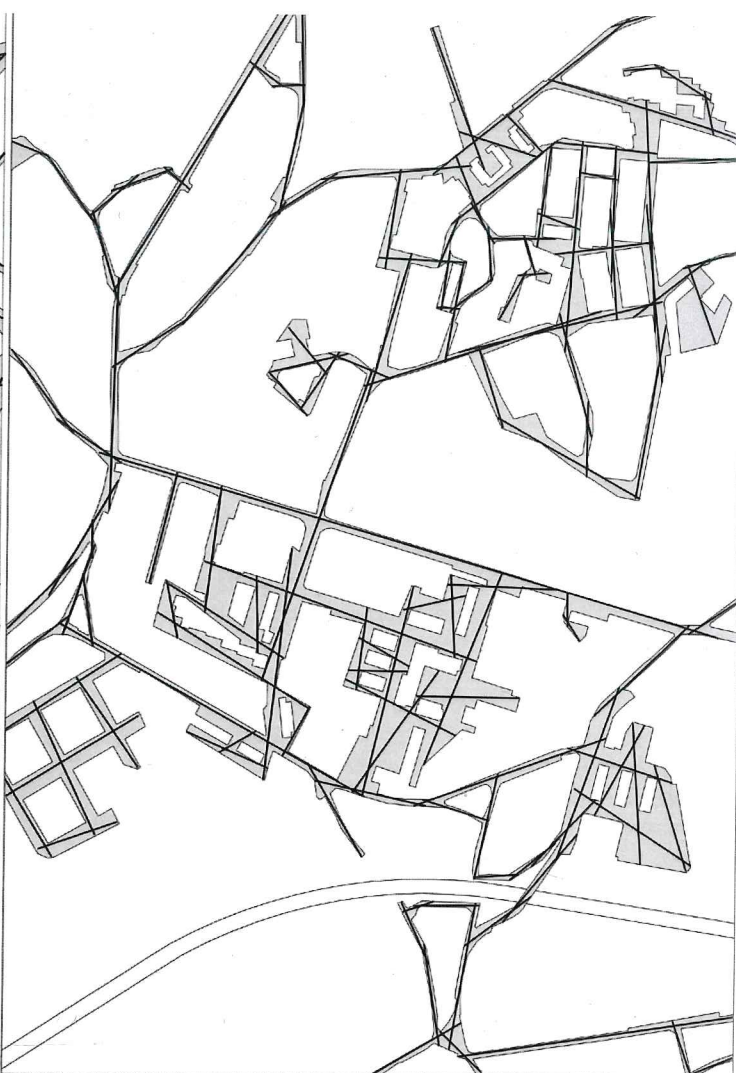
A Casa

Volume monolítico.
 Branco.
 Cobertura em zinco de duas águas.
 Rigoroso controlo das aberturas.
 Piso térreo aberto ao exterior caracterizado por uma grande fluidez de espaços.
 Área social da casa.
 Cozinha e sala recuadas ao limite do volume criando áreas de transição interior/exterior.
 Pequena instalação sanitária de apoio e acesso vertical no canto sul/poente da casa.
 Sala e cozinha totalmente envidraçadas promovendo forte contacto com o jardim exterior e protegidas por portões metálicos de grande dimensão, quando necessário.
 Piso dos quartos. Maior rigidez na distribuição espacial.
 Quartos orientados a nascente e respectivas instalações sanitárias.
 A partir da escada desenvolve-se um corredor em toda a extensão do piso, ladeado por um armário contínuo e pelos acessos aos quartos.
 O corredor é rematado por janela orientada a norte.
 Espaço em cave destinado a garagem e arrumos com acesso por rampa, junto ao limite do lote.
 Sob a cobertura em duas águas, um espaço de sótão. ■





Mapa axial do excerto da zona central da AMP



Mapa axial do excerto da periferia da AMP

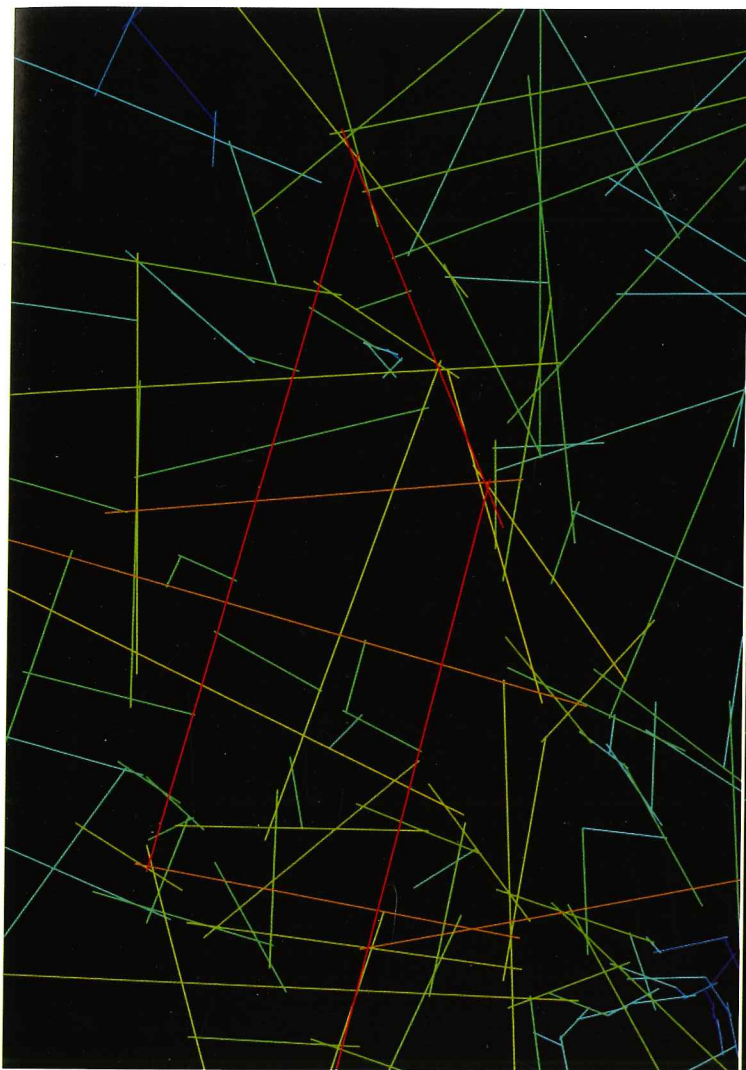
rectas, ditas axiais, que atravessem todos os espaços que o compõe [Fig. 3]. As linhas axiais definem as possibilidades de movimento recto e de continuidade visual que o sistema oferece. Esta operação reduz ao mínimo o grau de complexidade geométrica do sistema, mas mantêm intactas suas propriedades topológicas gerais, isto é, a estrutura básica da sua forma. Partindo da sua representação axial, o sistema pode ser traduzido num grafo¹⁰, no qual cada vértice corresponde a uma linha axial, e onde as arestas representam relações de adjacência entre as linhas. Uma vez construído este grafo axial, podem sobre ele ser realizadas diversas operações matemáticas com vista a explorar as relações entre os elementos que o compõe.

A principal variável sintáctica estudada é a “integração”, que corresponde ao grau de acessibilidade de cada espaço em relação à totalidade do sistema. Um determinado espaço diz-se integrado se, partindo de qualquer outro espaço, ele for relativamente acessível, ou segregado, se essa acessibilidade for menor. Os valores de integração podem ser representados sobre o mapa axial, colorindo as linhas segundo os seus valores respectivos, tornando assim graficamente explícitas as propriedades configuracionais estudadas [Fig. 4]. Note-se que a integração é um valor que decorre unicamente da forma da malha, e que o padrão de espaços mais ou menos integrados de um sistema espacial é um produto da sua forma global, criado por relações simultâneas entre todos os seus espaços. Trata-se de uma análise puramente morfológica, muito embora diga respeito à configuração topológica da forma, e não à sua composição geométrica absoluta.

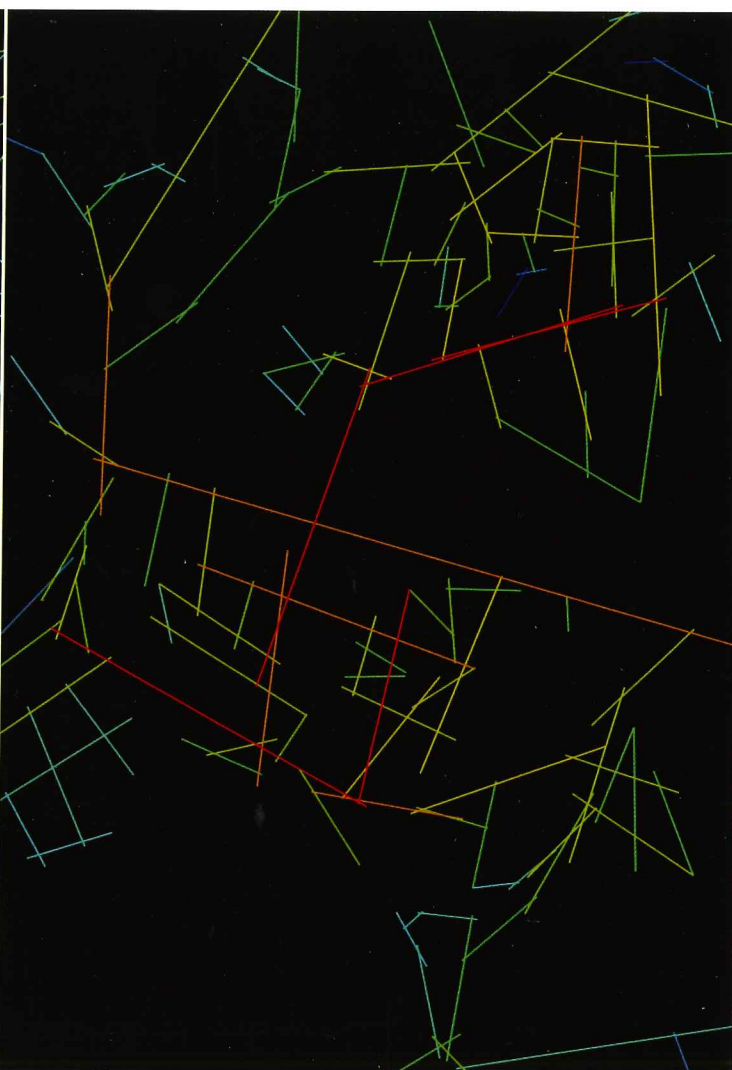
No entanto, foi demonstrada estatisticamente uma profunda relação entre integração e a distribuição dos fluxos de movimento urbano, assim como entre integração e a distribuição dos usos urbanos e do valor do solo. Espaços integrados funcionam como atratores do movimento urbano,

apresentando normalmente grande variedade de funções, enquanto espaços segregados tendem a ser mono-funcionais e com menor densidade de movimento. Sabemos hoje que, em condições ideais, 60% a 80% por cento das diferenças entre fluxos de movimento urbano podem ser explicadas pela configuração da malha.

Paralelamente, a sintaxe do espaço desenvolveu outro conceito, o de inteligibilidade espacial, que explica porque determinadas zonas da cidade emergem como centralidades identificáveis, embora morfológicamente pouco as distinga da sua envolvente. A inteligibilidade corresponde à correlação entre a configuração local e global do espaço [Fig. 5]. Quando esta correlação é significativa, indica que a estrutura local de uma dada zona se relaciona directamente com a estrutura global do sistema onde está inserida, beneficiando assim de sinergias entre diversas escalas de movimento urbano. Existe hoje evidência acumulada que mostra que este conceito tem uma tradução psico-cognitiva real (ao nível da orientação espacial) e que determina em grande parte o sucesso funcional de uma determinada zona urbana¹¹. Estas descobertas fundamentais introduziram na interpretação arquitectónica da cidade (isto é, no estudo das suas propriedades físicas e espaciais) um princípio até então ausente e aparentemente inacessível: o de causalidade. Na verdade, a arquitectura e o desenho urbano têm até hoje resistido a qualquer formulação científica, em grande parte pela complexidade que lhes é inerente. Razões semelhantes retiveram as fundações científicas da medicina, que até há pouco tempo se baseou tanto em superstição como em conhecimento empírico¹². A abordagem quantitativa e empírica que a sintaxe do espaço propõe permite estabelecer relações de causalidade entre forma e funcionamento urbanos, inaugurando assim uma cultura de urbanismo baseado em evidência, que se propõe não só a explicar as propriedades observadas da cidade, como



Padrão de integração global na zona central da AMP



Padrão de integração global na periferia da AMP

também a prever o impacto de intervenções no seu tecido. Embora sejam comuns as posições de repúdio pela “fragmentação” ou “falta de modelo” da cidade periférica, poucas são as que apontam caminhos para nela se intervir. De facto, do ponto de vista do desenho urbano, a questão que se põe é “por onde começar”? Em territórios tão heteróclitos e tão afastados do modelo tradicional de urbanidade, torna-se difícil definir os problemas centrais sobre os quais o desenho e planeamento urbanos se devem focar. Mesmo admitindo como adquirido que o espaço colectivo joga um papel chave neste aspecto, resta a questão de como abordar sistemas espaciais tão complexos, numa lógica de projecto que vá para além do mero tratamento superficial. É neste sentido que a abordagem não ideológica e científica da sintaxe do espaço se mostra extremamente útil. Graças à sua capacidade para tornar explícitas estruturas subjacentes, em malhas cuja característica mais óbvia é a sua aparente falta de estrutura, permite conferir ao planeamento espacial destes territórios uma nova assertividade. O trabalho desenvolvido pelo autor, que estudou o crescimento urbano e a sua evolução configuracional em várias zonas da franja urbana da Área Metropolitana do Porto, mostrou como a modelação configuracional de zonas urbanas periféricas – ao identificar disfunções, vantagens ou oportunidades espaciais – pode ter um papel fundamental na definição de estratégias espaciais a seguir. Os resultados a que esse trabalho chegou apontam para o facto de não serem os aspectos morfológicos tradicionais, que incidem sobretudo sobre a forma construída e que constituem o discurso vigente sobre a forma da cidade periférica, a variável determinante para o seu sucesso urbano. O que parece ser decisivo são os processos de formação dos seus sistemas de espaço colectivo. A sua modelação configuracional permite estabelecer estratégias espaciais gerais para o seu desenvolvimento, cujos objectivos podem

facilmente ser concretizados pela instrumentalização do crescimento urbano. Não se trata aqui de condicionar a promoção privada ou a liberdade criativa, mas tão só de estabelecer premissas básicas para a evolução dos sistemas de espaço colectivo, competência que as actuais figuras de planeamento urbanístico municipal já prevêem claramente. Essa competência pode agora, através da introdução do conhecimento das características configuracionais no processo de planeamento urbano, ser utilizada com um conhecimento de causa reforçado. ■

¹ Levy, A. (1999). “Urban Morphology and the Problem of the Modern Urban Fabric: some questions for research.” *Urban Morphology* 3(2): 79-85.

² Portas, Nuno (2005). “Os tempos das formas: A Cidade Feita e Refeita.” Guimarães: Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho.

³ Desenvolvido em meados da década de 70 do séc. XX, na Unit for Architectural Studies, University College London, por Bill Hillier e outros, é hoje um programa de investigação alargado, que envolve participantes de muitos países. Veja-se www.spacesyntax.org, para uma perspectiva geral da bibliografia sobre o tema, ou www.spacesyntax.com, para uma ideia das suas aplicações práticas ao desenho e planeamento urbanos.

⁴ Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC).

⁵ Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa (IST/UTL).

⁶ Instituto de Artes visuais, Design e Marketing (IADE).

⁷ Organizado por Gonçalo Furtado e Rui Póvoas na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP).

⁸ Serra, M. (2008). “Dinâmicas Espaciais das Franjas Urbanas – cinco casos de estudo na A.M.P.”, FEUP / FAUP. Tese de mestrado em Planeamento e Projecto do Ambiente Urbano, orientada pelo Professor Paulo Pinho.

⁹ Existem outros métodos sintácticos de análise espacial, mas este é o mais usado em sistemas urbanos.

¹⁰ Os grafos são objectos matemáticos utilizados para representar e analisar relações existentes entre elementos de um dado conjunto, onde os elementos são representados por vértices (pontos), e as relações entre eles por arestas (linhas).

¹¹ Hillier, B. (1996). “Space is the machine.”, Cambridge University Press, Cambridge.

¹² Salazar, N. (2005) “Principles of Urban Structure”, Techné Press, Amsterdam.

Pepe Heykoop

A leveza do ser

CARLA CARBONE | carlacarbone@yahoo.com

Pepe parece fazer design com quase tudo. Começemos pela peça Restless Chairacter. Trata-se de uma cadeira, de várias cores, com uma estrutura e uma forma que em muito descrevem as antigas formas de cadeiras. A ideia surgiu a partir de uma cadeira antiga que, pelo uso, foi perdendo a resistência e a união das suas várias partes. A cadeira foi-se fragilizando, ao ponto de ficar desengonçada, desarticulada. Como Pepe nos diz, esta desarticulação, confere ao objecto algum movimento e dinamismo. Por esse motivo, Pepe tentou tirar partido desse movimento. Essa desarticulação poderia tornar-se bastante confortável, sem a rigidez das cadeiras convencionais. Quem já não experimentou uma cadeira em que o espaldar quase se desprende do assento e em que, pelo uso e antiguidade, a sua estrutura quase permite descrevermos pequenos movimentos de rotação, para um lado e para o outro, quando permanecemos sentados? Sentarmo-nos nela permite-nos descansar, mas ao mesmo tempo, pela estrutura, impõe-nos uma pose, uma posição e uma postura. Quem não se lembra nos tempos de escola, de se inclinar para trás na cadeira, até ver quanto a mesma se aguentaria? Quem não foi já recomendado a permanecer quieto, sem fazer barulho a arrastar uma? Pepe Heykoop procura subverter estas imposições do mobiliário, assim como os costumes que esses mesmos elementos nos determinam. Por esse motivo, vai Pepe procurar um certo tipo de articulação que lhe dê a flexibilidade e que permita "que a cadeira não colapse, nem com 130 kg sobre ela". O mais difícil, é que a cadeira volte ao estado em que se encontrava no início, depois de brincar com ela: "Os primeiros protótipos resultaram todos deformados. Não foi fácil chegar ao resultado. Os meus tutores disseram que seria quase impossível, mas eu consegui de certo modo resolver o problema com uma construção feita a partir da borracha. Agora estou a tratar dos contactos para proceder à produção da cadeira". Se consultarmos o site oficial de Pepe Heykoop podemos observar um vídeo onde o design testa até ao limite a resistência da cadeira. A cadeira é construída completamente de raiz, resultando numa combinação entre uma borracha fina de poliuretano e uma estrutura em alumínio, que a suporta. Com as peças Tapepot, Pepe une dois bules com fita adesiva. Percebemos que se trata de dois bules "colados" com fita, porque Pepe mantém a textura e a arbitrariedade dos mesmos à superfície, mas os objectos passam a assumir realidades completamente diferentes. Pepe, quando confrontado com a questão de saber se os bules de alguma forma mantêm a função inicial para que foram criados, afirma: "Que os mesmos bules, de algum modo mantêm as funções, embora eu já tenha visto bules a servirem chá com mais facilidade". Ironiza. "Podem ser cheios ao mesmo tempo, pois o interior é único". Pepe torna a superfície dos bules Tapepot texturada por meio da fita adesiva. O efeito da fita é tornada visível e não ocultada pelo designer. Muitas vezes a fita é encarada como um remendo e não enaltecida, ou assumida, pelo seu real valor estético e funcional. Outra designer que aproveitou bem o potencial deste material e o assumiu com grande dinamismo e entusiasmo, enobrecendo-o, foi precisamente Hella Jongerius. Para além deste efeito de remendo que a fita confere à superfície desta peça, ela parece, para os mais leigos, ter sido adicionada com algum tipo de substância branca, digamos um barro branco, ou tarduzido para uma cerâmica. Pepe Heykoop responde-nos: "O Tapepot foi um projecto realizado

num período em que eu andava a fazer a fusão entre os vários objectos. Os projectos *conversations* e *stackingchairs* foram esboços do mesmo projecto. Mas, a combinação de velhas peças de mobiliário entre si resultou em objectos muito presos na sua forma. Não podia por isso reproduzi-los". Por esse motivo Heykoop lembrou-se de os reproduzir em molde: "Primeiro uno dois bules com fita adesiva e faço um molde negativo (pelo que foi muito difícil, pois foram precisas nove partes desse molde para conseguir que a forma saísse intacta do molde)". Desse modo "o bule propriamente dito é o resultado positivo do molde", por esse motivo mantém também a textura deixada na superfície pela fita adesiva, e a posição em que previamente foi determinada. A construção mantém-se visível. Como o designer nos diz: "a construção torna-se assim decoração".

Há quem fale no grau zero em que parecem encontrar-se algumas das peças de Pepe. E nisto lembramo-nos claramente de Baudrillard. Pepe Heykoop parece procurar, até à exaustão, este grau zero em que os objectos se encontram, muitas vezes considerados feios ou sem aura. Parece igualmente acreditar que é nesse nível que as coisas verdadeiramente se invertem. Do feio nascem coisas, ou do aparentemente desmebrado, desenformado, desarticulado. Quem não se lembra do livro de Munari *Das coisas nascem coisas*? Munari também nos dizia, fazendo aqui uma analogia breve: "se considerarmos o artista de perfil tradicionalista, sabemos que seguirá as regras académicas da composição, a secção áurea, certas famílias de cores características da arte de determinada época, que empregará a técnica da mistura de cores, típica de Mantegna (misturando os pigmentos em pó numa base de gema de ovo), a do fresco. Se considerarmos o artista inovador, vê-lo-emos recorrer aos acrílicos, inventar novas regras, antiacadémicas, que inevitavelmente redundarão em novas academias". Se Pepe tivesse que ser colocado em alguma categoria, decerto se enquadraria



(à esquerda) Desenho de James Gulliver Hancock. (à direita) Distorted Chair.

Brick Chair





(à esquerda) *Restless Chairacter*
(à direita, em cima) *The Pigdrip*
(à direita, em baixo) *Tape Pot*

na segunda categoria. Pepe Heykoop é um explorador. Inventa novas regras. Para ele não parece haver limites na criação, nem sequer ao nível estético, naquilo que é o belo ou o feio. Voltando a Munari, o indivíduo “que se limita a conhecer uma só regra de beleza assemelha-se àquele italiano que não conhece nada mais do que esparguete e se recusa a provar a gastronomia de qualquer outro povo, pois, onde quer que vá, há-de andar sempre atrás do seu prato de esparguete”¹. Na realidade, se pensarmos no grupo Memphis, talvez as suas soluções não abonassem muito a favor da beleza, mas não deixaram de ser assumidas como padrão de beleza nos anos subsequentes ao seu surgimento. Aquilo que era considerado feio, inicialmente, podia vir a ser considerado belo, subitamente, e tornar-se uma moda. Quem já leu o livro *As oscilações do gosto*, de Gillo Dorfles, sabe do que se está aqui a falar. A exploração do feio, daquilo que é considerado menor, vem permitir a abertura a uma nova ideia de beleza. A experiência que Pepe fez, de empilhar objectos, sobretudo ferramentas, no projecto “A chair?” e a sua consequente aparência caótica e desarmónica, a ideia de feio é logo desmentida quando a peça, feita de fragmentos de ferramentas, dependurada sobre a parede, revela uma sombra cuja forma sugere uma cadeira.

Baseando-se na teoria da caverna de Platão. Em breves linhas, quando pensamos numa cadeira, não temos que sentar nela, para sabermos o que a cadeira é: “por esse motivo eu apareci com a ideia de um estranho amontoado de coisas e uma lâmpada. Apresentei isto como a minha ideia de cadeira, sobretudo quando a luz a reproduziu” e a fez surgir na parede, servindo-se do somatório de peças, “a sombra de uma cadeira”.

Pepe Heykoops também apresenta outros exemplos de projecções de sombras e de luz. A ideia das manchas de luz (várias projecções de luz entrecruzam-se formando composições nos lugares em que são projectadas) fazem-se revelar nas peças “Conversations”. Vários candeeiros juntam reflexos de luz: “pareciam estar a ter pequenas conversas uns com os outros, e os velhos objectos ganhavam assim vida”. Heykoops, mais uma vez procura velhos objectos, já existentes (parece que a todo o momento a preocupação do designer é reanimar estes velhos objectos).

As séries *Brick*, surgiram de uma interpretação a um desenho de James Gulliver Hancock, e partem de uma ideia do designer de que vemos o mundo com diferentes olhares: “A primeira cadeira foi realmente toda colada, mesmo a peça brickchandelier, no sentido de experimentar várias possibilidades. Agora estou a refazê-las, com uma estrutura de reforço dentro”. Para que a cadeira sirva para sentar, coloquei uma porção de espuma. Embora o propósito da cadeira não seja mesmo para sentar”. O designer desenvolve por isso a ideia de cadeira, e desconstrói todas as convenções culturais que arrastam essa cadeira, ou a ideia dela.

As peças *Animal Drip*, *Pigdrip*, *Militarydrip* são alimento para a vista. Apresentam-se de uma frescura incalculáveis. Sobretudo *Pigdrip*. Pepe explica que esta peça surgiu quando experimentava a cobertura de borracha nas peças *Restless Chairacter*: “Estava apenas a brincar”. Este *dripping*, este inundar a peça com a substância aciosa, foi experimentado em muitas peças de Pepe. Neste momento o designer repete a acção de cobrir esta solução aquosa de borracha sobre garrafas de perfume Channel nr 05. Estas peças destinam-se a ser expostas numa galeria no Kuwait, que inaugurará

em Março de 2009. Na realidade, o acto de cobrir os objectos é conferir-lhes novas identidades. Em *Liquid Pillows* é quase a mesma coisa. Por vezes as similitudes com Maarten Baas são enormes. Pepe acha natural que assim seja, uma vez que ambos formaram-se na Design Academy Eindhoven. O candeeiro *Light of being* foi um desses projectos de final de curso de Pepe, em Eindhoven. Pepe ficou retido pela graciosidade e movimento das flores e das plantas, a abrirem e a fecharem as suas pétalas e folhas. E procurou reproduzir, no candeeiro, essa graciosidade. Outras referências para suportar esta ideia, foi Pepe buscar às flores grandes, em *Alice no País das Maravilhas*: “Por causa do seu tamanho e do seu movimento tornou-se um candeeiro verdadeiramente técnico. Mas eu não queria que parecesse demasiado técnico. Então, toda a parte construtiva, procurei escondê-la por detrás de uma cobertura em feltro”. Este objecto tem várias posições possíveis. Aparenta, como todas as boas ideias, em que o inventor teima em não as deixar fenecer, a fragilidade que lhes são próprias, apesar dos que o rodeiam não acreditarem muito nelas. O nome *Lightness of being*, “refere-se à beleza vulnerável da vida, à sua fragilidade. A luz poderia evaporar-se facilmente”. Mais uma vez a ideia da luz, para Pepe, e mais uma vez, Platão. Mas as suas ideias não se esgotam aqui, nesta constante reflexão sobre a luz e a sombra.

Muitos de nós perguntamos o que haverá por de trás das *Cracks* do designer? Várias questões afloram quando as observamos: Pepe quebra as peças primeiro? (Peças do serviço de chá), vai buscar peças quebradas, já existentes em fábricas de porcelana? Procura uni-los depois, esses diferentes fragmentos? Mesmo que sejam de chávenas diferentes? Como, e de que forma Pepe cola as peças?: “Deixem-me explicar a ideia que se esconde por detrás das peças *Crack*: não é fácil. A porcelana tem a propriedade de encolher à volta de 16% depois de ter ido ao forno. O conceito é que tudo pode partir de uma grande tigela ou de um grande prato. A tigela, vai reduzir em 8 pequenos passos, para o tamanho de uma chávena de café expresso. O prato vai encolher para o tamanho de um pires. E assim, é onde a chávena e o pires se vão encontrar outra vez”.

As linhas que sugerem as uniões entre os vários fragmentos das chávenas, e que mais parecem ligaduras, vão-se esbatendo, cada vez vão encolhendo mais, criando progressivamente uma solução de objectos com tratamentos vagos e subtis à superfície. Para Pepe é um dos objectos favoritos. “Porque referem o tempo: o futuro, o presente e o passado.

De facto, HeyKoop parece refazer o passado. Também com a *Frame-chair*. Por vezes com as *Distort Chairs*. O designer diz-nos porque as distorce. Gosta do trabalho feito à mão, do trabalho de artesão. “Gosto de uma pequena identidade em todos os trabalhos. De uma história por detrás deles”. Não aprecio a produção industrial. Gosto daquilo que é estranho. Inspiram-me os pequenos defeitos que resultam das minhas experiências e o que posso beneficiar com isso. Pisar o risco vermelho, entre aquilo que é técnico e as minhas visões naíves e ingénuas.

As *Distort Chairs*, no entanto (cobertas de tecidos de flanela, provenientes de velhos cobertores), funcionam a 100%, diz-nos. Mas sempre *on the edge*. ■

¹ MUNARI, B. (2004). Artista e Designer. Edições 70. Lisboa



Eduardo Matos, "Sarro", 2008. Vídeo, Pal, cor, s/som 6.05s

como expressão de uma subjectividade individual e excluem a sua participação num movimento mais amplo da produção cultural. Pelo caminho, o que eu tenho à minha disposição e o que me interessa trazer para o meu trabalho, são esses inúmeros jogos de polémica entre o subjectivo e o objectivo, entre a autenticidade e o falso. O que só por si, não é nada de novo na arte, basta olhar para toda a tradição pictórica.

arq|a: Como é que selecciona o que dá a ver e o modo como o faz?

EM: Acontece quase imediatamente saber o que é que pode ser um vídeo, um diaporama ou um desenho. É simultaneamente a natureza das coisas que me são dadas a ver, as superfícies, os objectos, a actividade humana ou uma determinada luz e a especificidade do *medium* que o sugerem e determinam. No final há um trabalho de selecção sobre o que poderá entrar ou não e aqui é que o trabalho se complica, porque é raro ter as condições espaciais e técnicas que o trabalho exige para ser mostrado. Por exemplo, não raras vezes as pessoas com quem os artistas se envolvem não percebem a natureza do trabalho, os seus processos e as suas exigências. É um problema partilhado por muito outros colegas e no final perde-se rigor.

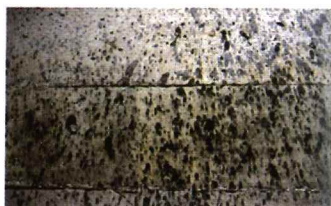
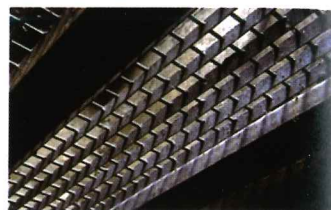
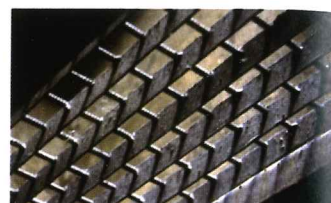
Nas minhas instalações, a ideia de simulação, de percurso, de camadas de informação é algo que tento potenciar, gosto de as pensar como fragmentos que constroem uma trama maior que tem em conta inúmeras e distintas formações discursivas.

arq|a: Actualmente para onde é que o seu olhar está direccionado?

EM: Estou neste momento, uma vez mais, a trabalhar a partir de um contexto específico, situado a norte de Lisboa. É um vale encrostado entre duas escarpas e no centro passa um pequeno rio. Nos últimos anos, quando realizava as minhas viagens em auto-estrada, do Porto para Lisboa, prestava sempre atenção àquele pequeno trecho da paisagem que se apresentava do meu lado direito. Recentemente, tive a oportunidade de cronometrar esse período: para quem se desloca a 120 km hora, são exactamente 21 segundos. A determinada hora do dia e quando a inclinação do Sol é maior, faz-se sentir uma penumbra no vale, como se a noite chegasse ali primeiro.

arq|a: Gostava que me falasse da concepção da exposição na Galeria Quadrado Azul?

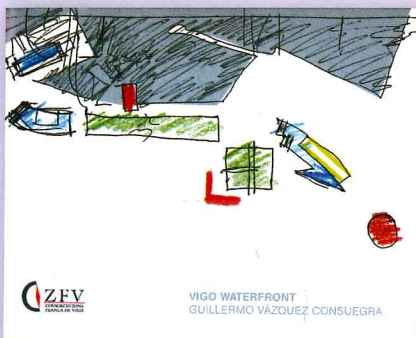
EM: A exposição reúne cinco trabalhos realizados entre 2008/09, dois deles já apresentados em outros contextos. O título "Mesa" é um nome emprestado pela escultura que estará em exposição. Este título é a nomeação evocativa da própria mesa de trabalho onde por vezes acontece encontrarmos e dispormos material que temos em mão. Partindo do pressuposto do que pode ser uma exposição, ou de uma ideia de exposição, "Mesa" poderá ser entendida como um percurso por diferentes trabalhos que tenho realizado. Pretendo que seja um diálogo e não se trata tanto de encontrar nela um projecto conceptual unificador. Mas espero que o público possa encontrar através da experiência desta exposição, da singularidade de cada um dos trabalhos um certo eco do que ali acontece.



Eduardo Matos, "Expedição", 2007. Diaporama. Dupla projecção de slides, mesa e duas cadeiras. Dimensões variáveis

MÁRIO CHAVES | mario.chaves@qualitas.pt

GUILLERMO VAZQUEZ CONSUEGRA,
VIGO WATERFRONT, GUSTAVO GILI



Vigo, como outras dezenas de cidades portuárias europeias, enfrentou o triste destino de com o fim, ou o completo reestruturar, do comércio marítimo ver o abandono da orla, tão activa no período industrial e tão moribunda na sociedade pós-industrial.

Este foi o preço da exportação da actividade industrial para fora de Europa e que agora constitui um factor importante de agravamento da crise que se preconizava, mas em que não se queria acreditar no decorrer da sociedade abundante a que a Europa se entregou, baseada no turismo e serviços. Deste modo, Vigo abandonava o mar que tanto lhe proporcionou e de novo se reinventava sobre um passado extinto. E reinventou-se numa extensão considerável de 2,5 km sobre um trabalho eficaz e metódico de Guillermo Consuegra, em 10 anos de trabalho aprovado pela municipalidade e pela comunidade. E as intervenções revelam, evidentemente, a vontade de abrir o mar a Vigo, de modo a que a partilha seja plena, não se escondendo atrás de artificialidades urbanas que quase de algum modo erguem barreiras invisíveis. E a delicadeza da intervenção abrange equipamentos públicos a mobiliário singelo e singular. Um exemplo ibérico, de facto.

PÁGINAS BRANCAS 2008

FAUP / FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

**PÁGINAS BRANCAS 2008, FACULDADE DE
ARQUITECTURA DO PORTO - FAUP, PORTO**

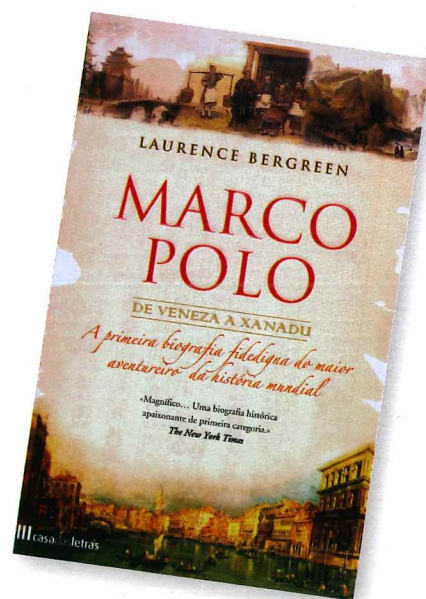
Páginas Brancas 2008 deve ser entendido como a extensão da actividade da docência na formação dos arquitectos. De facto não existe uma correlação directa entre a eficácia da profissão da arquitectura e a da docência, porque os graus de afectação são distintos, bem como os níveis dirigidos pelas outras entidades envolvidas e profissionais também assim o exigem. Contudo, a percepção da concatenação, entre o ensinado e transmitido e a eficácia da profissão, são de exemplar virtude porque hão-de demonstrar o vigor com que os profissionais aplicam as suas mais-valias de docentes. E páginas brancas são variadas qb. Possuem a dispersão saudável para que a pluralidade dissemine a capacidade de abordar os programas distintos, na veleidade das exigências e vaidades dos clientes. Os 44 projectos são de facto variados em programa, localização, abordagem, concretização. Tem tendências, tem linguagens similares, tem ares. Mas se a língua é a nossa pátria, há que haver similaridades de afectos

e expressões para que possa haver reconhecimento. E esta 3ª edição acontece porque as escolas mudam, alguém cresce, faz acontecer. O mundo pula e avança, e este mundo esta muito mudado desde as duas primeiras edições. Esta edição acontece no fim da Época da Abundância, onde a produção de arquitectura teve actos e acções de grande liberdade e intervenção. Quase tudo foi possível nestes 10 anos. Mas a crise de confiança instalou-se com a edição destas páginas. "Páginas negras" instalar-se-ão agora nos promotores e nos consumidores. A indústria da construção, enquanto motor da economia está retraída, a estagnação está a estender os tentáculos de maneira avassaladora. Os alunos que agora frequentam o curso e se revêem nas obras publicadas dos seus docentes, irão participar na transformação do mundo, que está de facto diferente. E diferentes vão ser as obras projectadas e construídas pelos próximos docentes que irão constituir as "4ª Páginas Brancas". Resta uma referência a outros exemplares docentes que não tendo construído, contribuem de maneira exemplar para a formação académica dos discentes.

**LAURENCE BERGREEN, MARCO POLO,
CASA DAS LETRAS, 2008**

O fascínio da história sobre o presente é tão mais evidente quanto a qualidade do herói e a intriga, quando é sublimada pela capacidade de revelação de um mundo fascinante à sua data, intrigante e desconhecido. Na sua enorme capacidade de surpreender, torna as narrativas capazes de revelar situações inusitadas e abrangentes de cuidada formação académica.

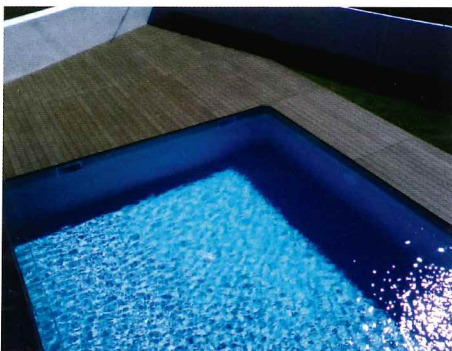
Esta biografia é de facto qualificada, abrangente, reveladora, entre os relatos de viagem, as ilustrações da época de um imaginário novo e deslumbrante. É de facto também uma aventura, a leitura do aventureiro que revelou que o oriente dorme muito pouco.



VIP relança Vipcril e Plasvip

A marca Tintas VIP acaba de relançar no mercado as tintas Vipcril (acrílica para exterior) e a tinta Plasvip (plástica mate para interior/exterior), com fórmulas melhoradas para uma performance superior. Com o objectivo de alargar a sua oferta de cores, a VIP lança ainda uma nova base de tintagem nestes 2 produtos, que permite afinar milhares de cores claras médias e fortes, através do sistema de tintagem Super Colorizer que permite a criação de qualquer cor no momento e na própria loja.

Acrescentar Valor



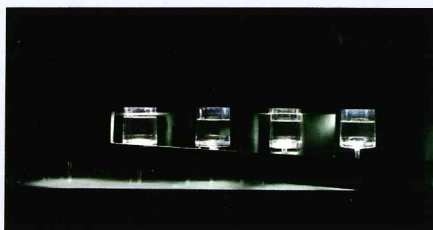
A Madeivouga, empresa do sector de comércio de madeiras e seus derivados, procura posicionar-se no mercado como um parceiro válido que acrescenta valor a cada contacto. Desde 1980, que disponibiliza mais de 10.000m² de espaço expositivo.

Tags: Pavimentos; decks; compactos fenólicos; compósitos; portas; roupeiros; contraplacados; mdf's; aglomerados; osb's; vigas; rodapés; aros; orlas; painéis acústicos; krono original; luxfloor; kentwood; dunik compósito.

www.madeivouga.pt

AGENDA

Estudante português premiado no Concurso Internacional Velux 08



O estudante Dean MacGregor, da Universidade Lusíada de Lisboa, obteve o terceiro prémio do concurso internacional para estudantes, da Velux. O vencedor desta edição foi o americano Reilly O' Neil Hogan, com o projecto "Embodied Ephemerality". O tema do concurso, "Light of Tomorrow", pretendia obter propostas de iluminação integrando temas mais vastos da luz e da energia como inspirações e elementos fundamentais dos projectos de arquitectura. Aberta a estudantes de todo o mundo, a esta 3ª edição do concurso para estudantes de arquitectura, concorreram 686 projectos representando 242 escolas de 46 países.

<http://iva.velux.com/>

Prémios «World Architecture News»

O site «World Architecture News, WAN», que reúne informações de arquitectura, lançou prémios escalonados por categorias (educação, saúde, equipamentos públicos, escritórios/comércio, transportes, residências), cujas datas limite para concorrer on-line são:

30 Junho (categoria Equipamentos Públicos),
31 Agosto (categoria Escritórios/Comércio),
31 Outubro (categoria Transportes) e 31 de Dezembro (categoria Equipamentos Residenciais).

www.worldarchitecturenews.com

Prémio Design Plus – Material Vision 2009

A Messe Frankfurt e o Concelho Alemão de Design lançam a edição 2009 do concurso internacional Design Plus, durante a Feira Internacional Material Vision, que decorre em paralelo com a Feira Techtextil, de 16 a 18 de Junho de 2009, em Frankfurt. O prémio Design Plus é atribuído a projectos e artigos com design inovador. Para fabricantes, designers e arquitectos que tenham desenvolvido aplicações ou produtos a partir de materiais ou processos de fabrico inovadores, o Prémio Design Plus representa uma excelente ferramenta para o marketing e para os consumidores.

www.material-vision.com

Expo Home

Entre 3 e 7 de Março, de 2009, a Exponor apresenta a Expo Home, um dos maiores pontos de encontro dos profissionais dos sectores de Mobiliário, Iluminação e Artigos de Casa. Trata-se de uma feira profissional, com carácter internacional, tendo sido visitada, só na última edição, por compradores estrangeiros oriundos de mais de 20 países.

www.exponor.pt

PRÉMIO MUNICIPAL de ARQUITECTURA E ESPAÇO PÚBLICO 2009

Candidaturas até 20 de Março 2009

Regulamento e ficha de inscrição disponíveis em www.cm-odivelas.pt

 Odivelas

Apoio: 

 Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas

Patrocínio:  artebel

arq|a

ARQUITECTURA E ARTE

UM ANO DE ASSINATURA

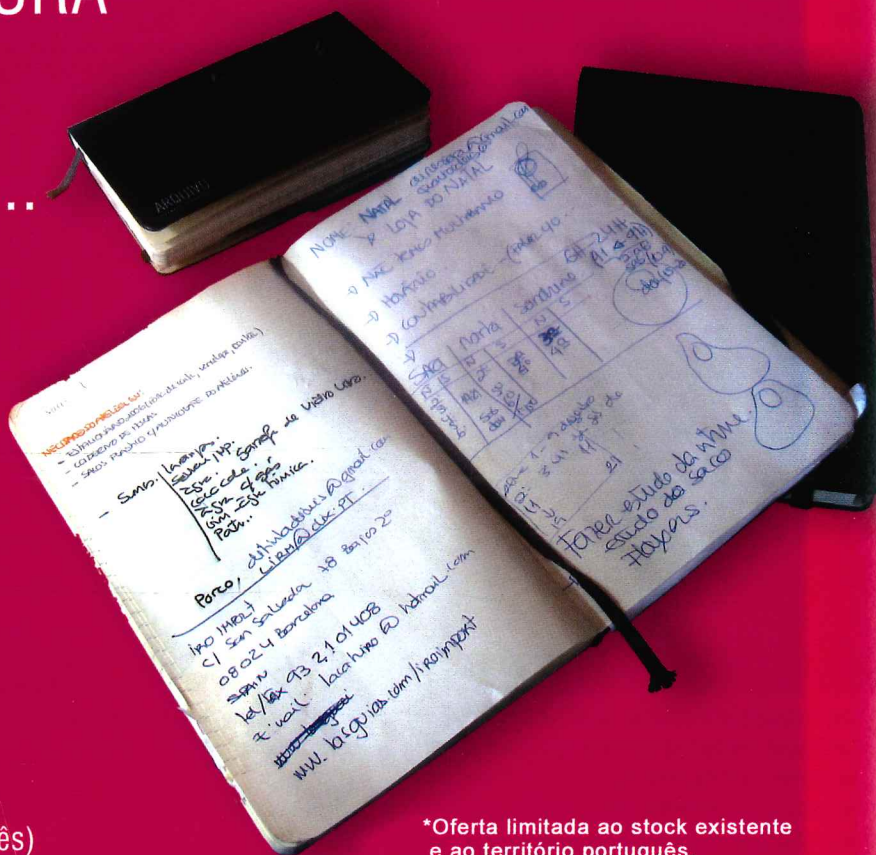
+ Uma Oferta muito...
...muito especial.

Agora, o MOLESKINE®
vem com a arq./a!

Assine por um ano a Revista

arq|a
ARQUITECTURA E ARTE

E receba grátis, logo com o primeiro número,
o seu exemplar MOLESKINE® (Caderno Japonês)



*Oferta limitada ao stock existente
e ao território português.

Nome		Email	
Morada para envio		Tel.:	
Cód Postal		Fax	
Profissão		Data de Nascimento	

arq|a
ARQUITECTURA E ARTE

☐ Assino a revista **arq./a** por um período de um ano (12 exemplares, menos 20%)

☐ Assino a revista **arq./a** estudante* por um período de um ano (12 exemplares, menos 40%)

€ 53

€ 100
Europa

€ 165
Outros
Continentes

€ 40

* Junto com o meu pedido de assinatura envio uma fotocópia/digitalização do cartão de estudante.

ONLINE: Envio de ficha e comprovativo de pagamento para mrodrigues@revarqa.com / Conta Futurmagine, NIB:001900/4200200004430/05.
Via CTT: Envio de ficha e cheque (à ordem de Futurmagine para a morada abaixo)

A partir do nº ☐ inclusive

Futurmagine - Business Center Vila Flor - R. Alfredo Guisado, 39 - 1500-030 Lisboa - Tel. 21 770 30 00 (geral) 21 778 35 04/05 (directo) - Fax: 217 742 030 - revarqa@revarqa.com - www.revarqa.com



ARMAZEN OITO

Trav do Conde da Ponte, 8
Alcântara, 1300 Lisboa
Tel +351 932 852 998
www.armazenoito.com
anna@annawilledesigns.com

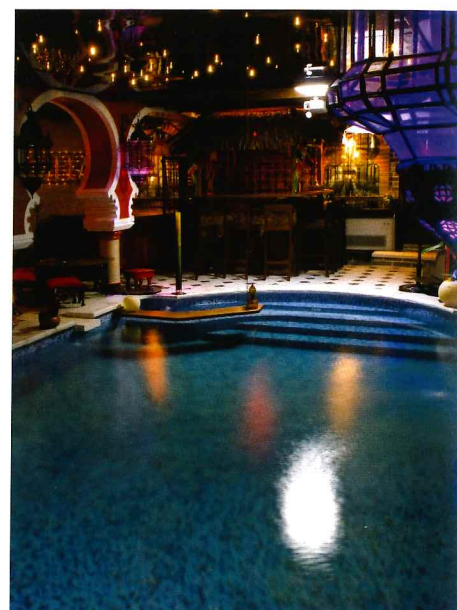
No mercado desde 1920, a Barlow Tyrie tornou-se uma marca de prestígio internacional que se destaca pelo seu design em teca, aço, alumínio e fibra sintética. A coleção Woven, do designer Vladimir Kagan, inclui modelos fabricados manualmente sobre uma estrutura de alumínio com material sintético, não sofrendo alterações de cor, com uma excelente qualidade de resistência ao sol e à chuva, exigindo o mínimo de manutenção. O sofá Dune é um dos modelos desta coleção, disponível em três tonalidades: Branco, Straw (claro) e Java (escuro). Os acolchoados em tecido, 100% fibra de acrílico, existem numa gama de cores lisas ou riscas. O Dune pode ainda ser combinado com poltrona e mesa de centro da mesma gama.



AZURAMBIENTE

Edifício Ambiente
Av. Severiano Falcão, Lote 2
2685-378 Prior Velho - Lisboa
Tel +351 219 498 221
teresasimoes@azurambiente.com

O Grupo Ambiente, fundado em 1983, sempre teve como principal filosofia a criação de ambientes perfeitos. Fazendo parte integrante deste grupo a AzurAmbiente e a SolAmbiente estão totalmente vocacionadas para as áreas de cozinhas, casas de banho e lazer. Com um atendimento personalizado, os profissionais do Grupo Ambiente são uma preciosa ajuda na selecção do equipamento que mais se adequa a cada estilo de vida. Os *showroom* da marca mostram as últimas tendências de design, sendo espaços onde todos os departamentos se conjugam para atingir o mesmo fim: "Criar Ambientes Perfeitos".



PISCINAS CARRÉ BLEU

Complexo Industrial Moinho Vermelho
Armazém 3, 2645-041 Alcáideche
Tel +351 21 4 602 500
carrebleu@carrebleupiscinas.com
www.carrebleupiscinas.com

Os Spas de última geração seleccionados pela Carré Bleu, razões de bem-estar, são, nomeadamente: a Gama Paragon - Estética e conforto da cuba em resina acrílica, perfeita rigidez e resistência da estrutura em composite, alta tecnologia para os sistemas de jactos, equipamento sofisticado e muito completo; a Gama Sunrise - Associação o design e a ergonomia a um sistema de hidroterapia utilizando tecnologia de ponta. Os Spas Sunrise oferecem uma verdadeira poupança de energia, graças ao isolamento integrado e à filtração permanente, de baixo consumo. A Carré Bleu assina Spas Carré Bleu para este segmento, que a marca caracteriza como a excelência dos spas.

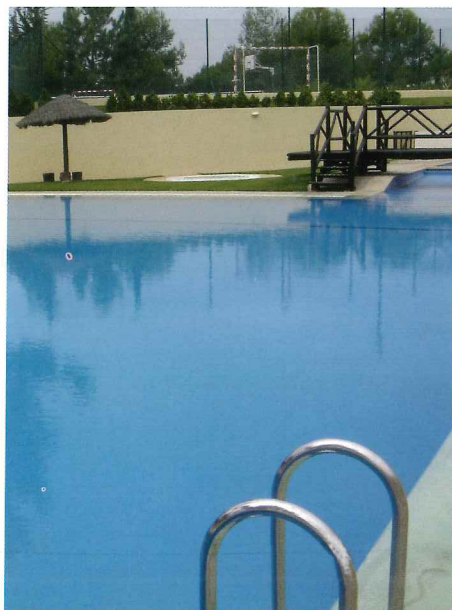




GARONNE STRUCTURES

Parque Industrial – Rua D, Apart. 7
6201-908 Tortosendo (Covilhã)
Tel +351 275 958 110
garonne@sapo.pt
www.swimprotec.com

A Garonne Structures, filial do Grupo Swim Protec, está instalada em Portugal desde 2005, assegurando com uma equipa de profissionais especializados a fabricação, comercialização e montagem de uma gama completa de coberturas telescópicas em alumínio, para piscina, sobre medida. A empresa prima pela qualidade do produto e dos serviços prestados. A gama é composta por coberturas baixas, médias, mistas, altas, acopladas ou adossadas, sempre adaptadas às condições excepcionais e particularidades do espaço de cada cliente.



HIDRION

Quinta do Casal Novo
2665 - 419 Vila Franca do Rosário - Malveira
Tel +351 261 780 005
info@hidrion.pt
www.hidrion.pt

O sistema patenteado Hidrion é um tratamento natural para piscinas que reduz o cloro a 5-10% e elimina algas e floculantes. Instala-se entre a bomba e o filtro e liberta iões metálicos que destroem bactérias, fungos e algas da água. A acção simultânea dos iões da liga de cobre resulta num tratamento mais eficaz do que a sua acção individual. O Hidrion faz a sua auto-limpeza e permite regular o cobre sem produtos químicos, podendo a água ser posteriormente usada na rega ou para dar de beber aos animais. Não interfere com o pH ou a alcalinidade, ao contrário do sal, e reduz o cloro, não trazendo problemas de acumulação de ácido cianúrico.



HORTO DO CAMPO GRANDE

Campo Grande, 171
1700-090 LISBOA
Tel +351 217 826 660
info@hortodocampogrande.com
www.hortodocampogrande.com

Uma das maiores empresas de jardinagem do País, o Horto do Campo Grande é reconhecido pela sua capacidade técnica e pela qualidade dos trabalhos realizados. Uma equipa de mais de 150 profissionais, composta por arquitectos paisagistas, engenheiros, decoradores e jardineiros, projectam, executam e zelam pela concretização dos espaços verdes de interior ou exterior, independentemente das suas áreas e especificações. Para além da variedade de serviços que oferece, nomeadamente ao nível da manutenção de jardins de interior exterior, os seus centros de jardinagem e as suas lojas, comercializam plantas, flores e uma vasta gama de acessórios relacionados com a jardinagem e a decoração.



«geração z»

comportamento evolutivo
[em arquitetura]

"Arquitecturas Aumentadas"

Nancy Diniz 2003-2009

Contactos:

email: info@augmented-architectures.com

www.augmented-architectures.com

Augmented Architectures
Flat 2, 6 Collingham Gardens
SW5 OHW Londres